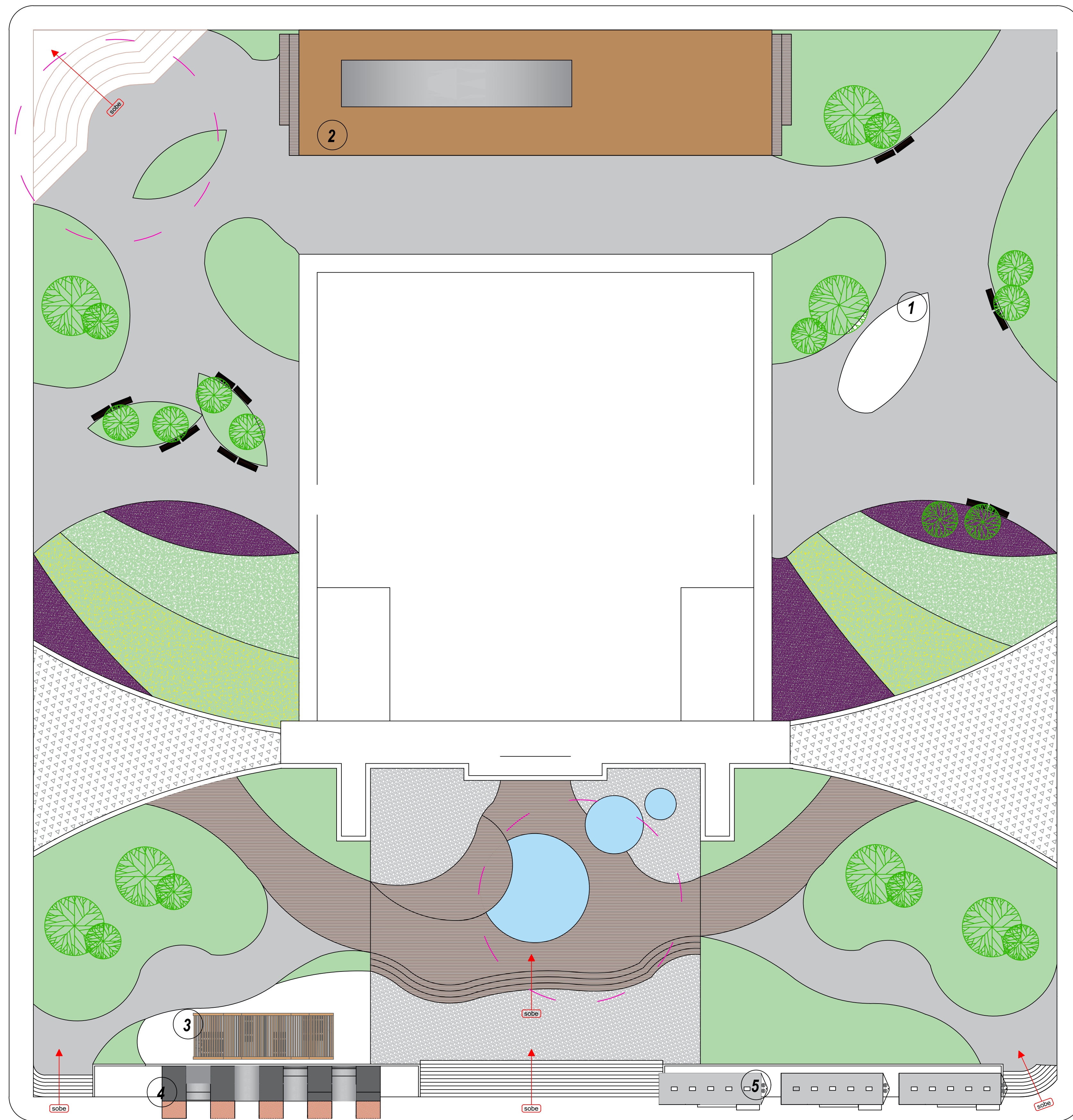


Rua Visc. do Rio Branco

Rua Dr Cardoso de Almeida



Rua João Passos

PLANTA BAIXA
ESCALA 1:200

TABELA DE ACABAMENTOS

	PEDRA PORTUGUESA ORIGINAL COM MANUTENÇÃO ADEQUADA
	DECK DE MADEIRA PLÁSTICA RESISTENTE A ÁGUA
	PISO CONCRETO BRUTO COM JUNTA DE 2CM
	ESPELHO D'ÁGUA 20CM DE PROFUNDIDADE
	BANCOS

TABELA VEGETAÇÃO PEQUENO E MÉDIO PORTE

SÍMBOLO	ESPÉCIE	NOME CIENTÍFICO	CLASSIFICAÇÃO	FLORAÇÃO
	Lambri-roxo	Tradescantia pallida	Forração/Arbusto	Rosada – intermitente
	Gota-de-orvalho	Soleirolia soleirolii	Forração rasteira ornamental	Não significativa
	Grama-amendoim	Arachis repens	Forração rasteira	Amarela – quase o ano todo

Rua Pref. Tonico de Barros

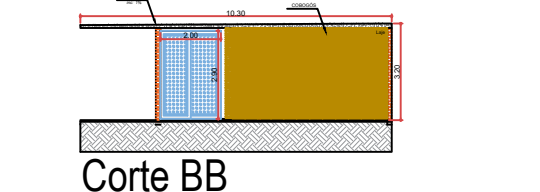
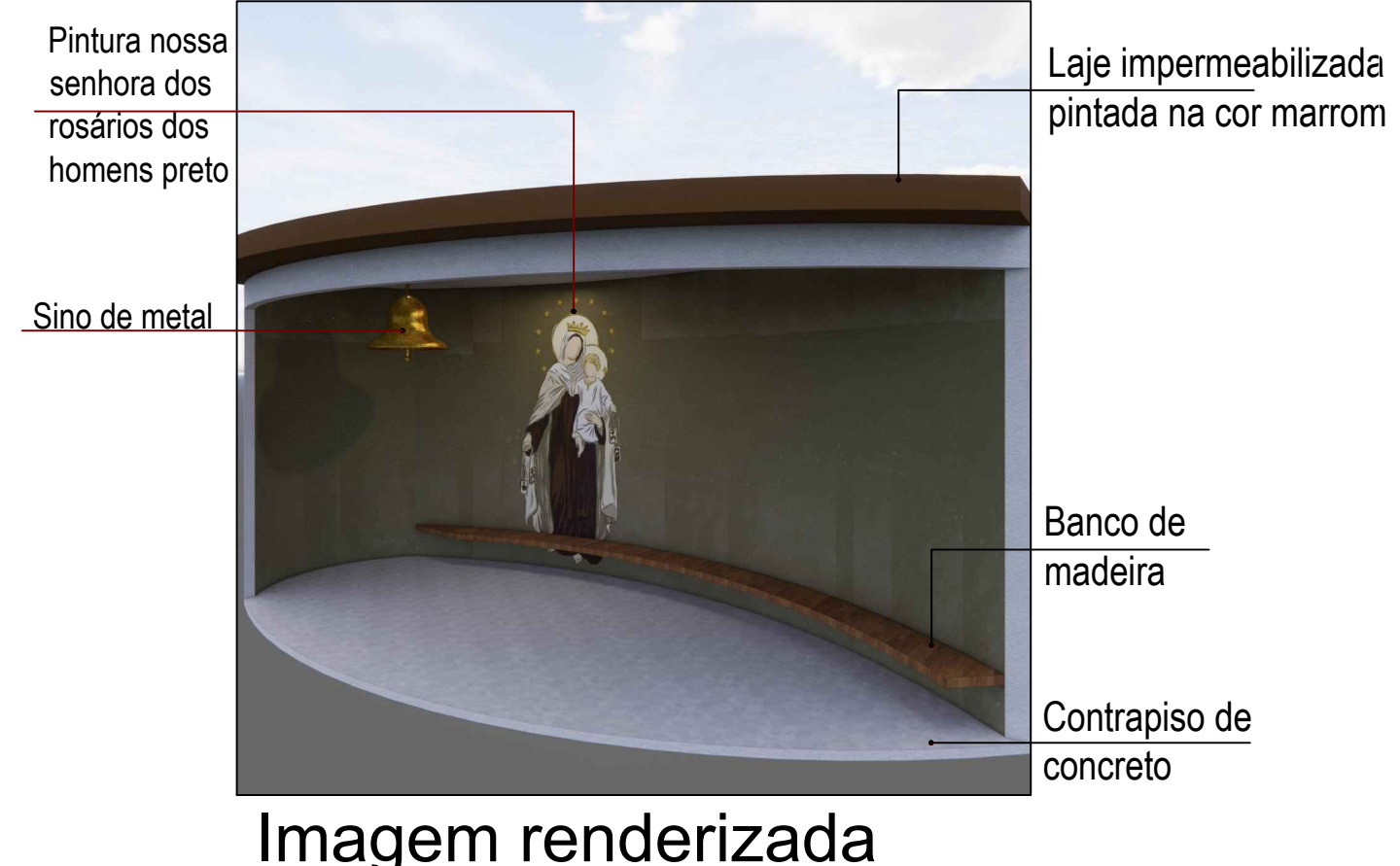
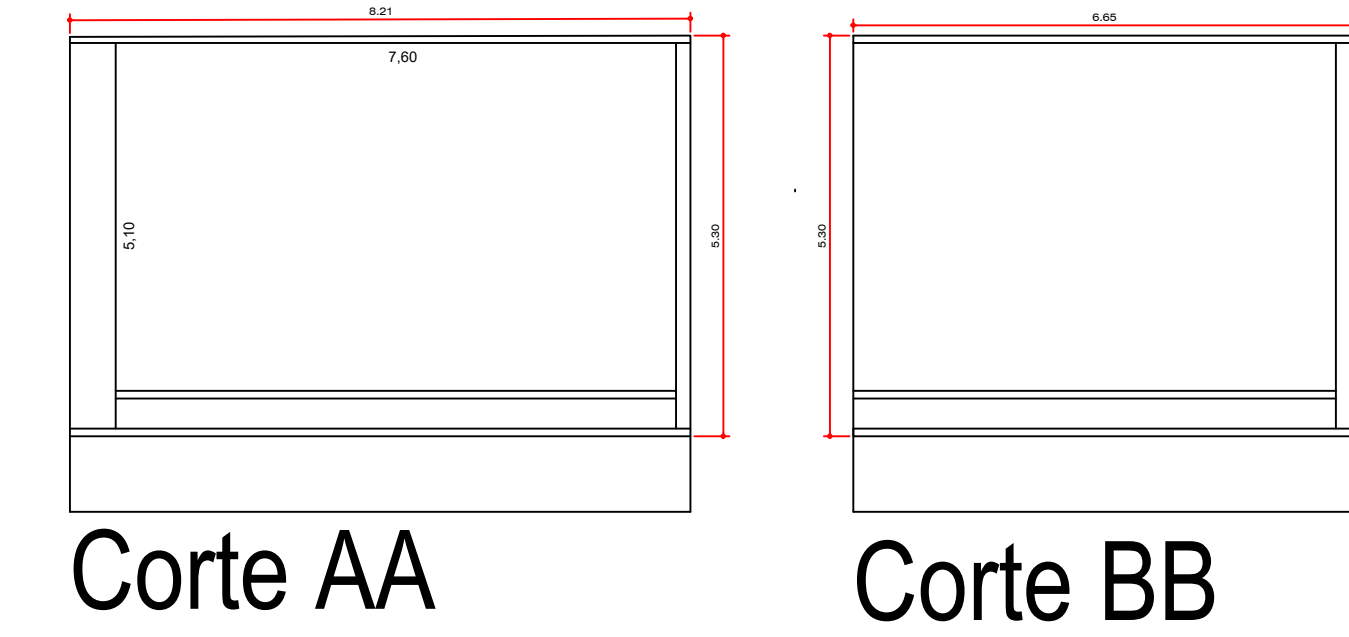
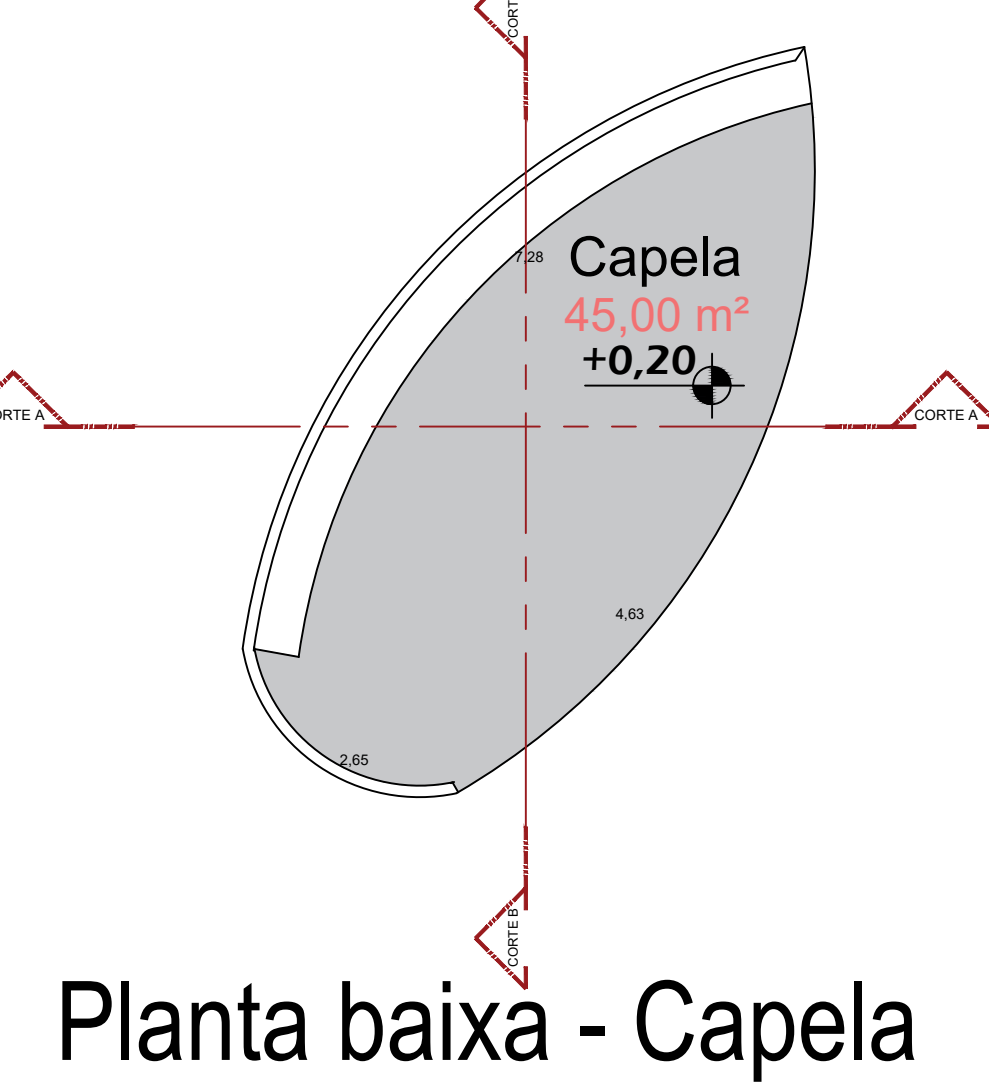
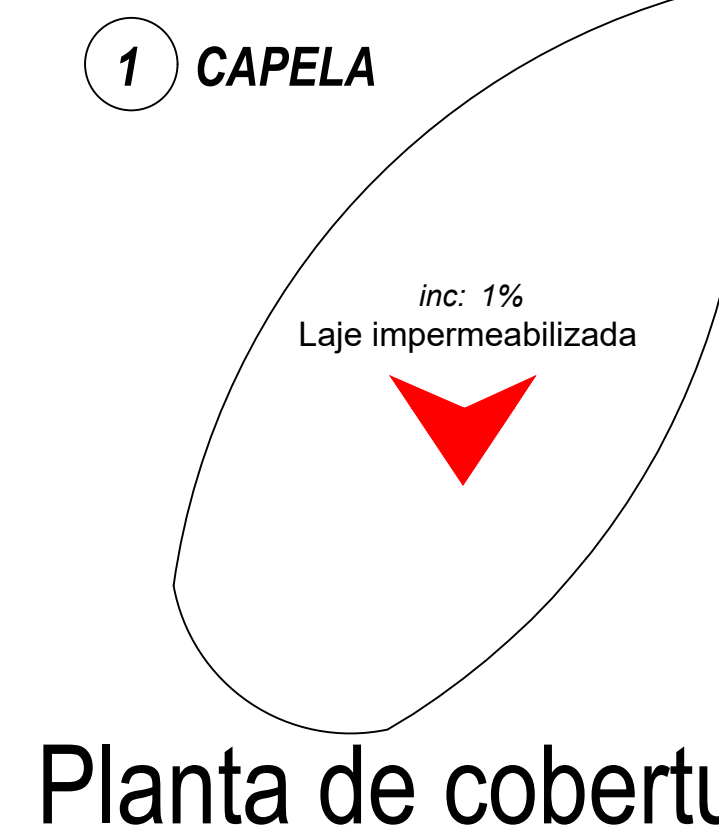
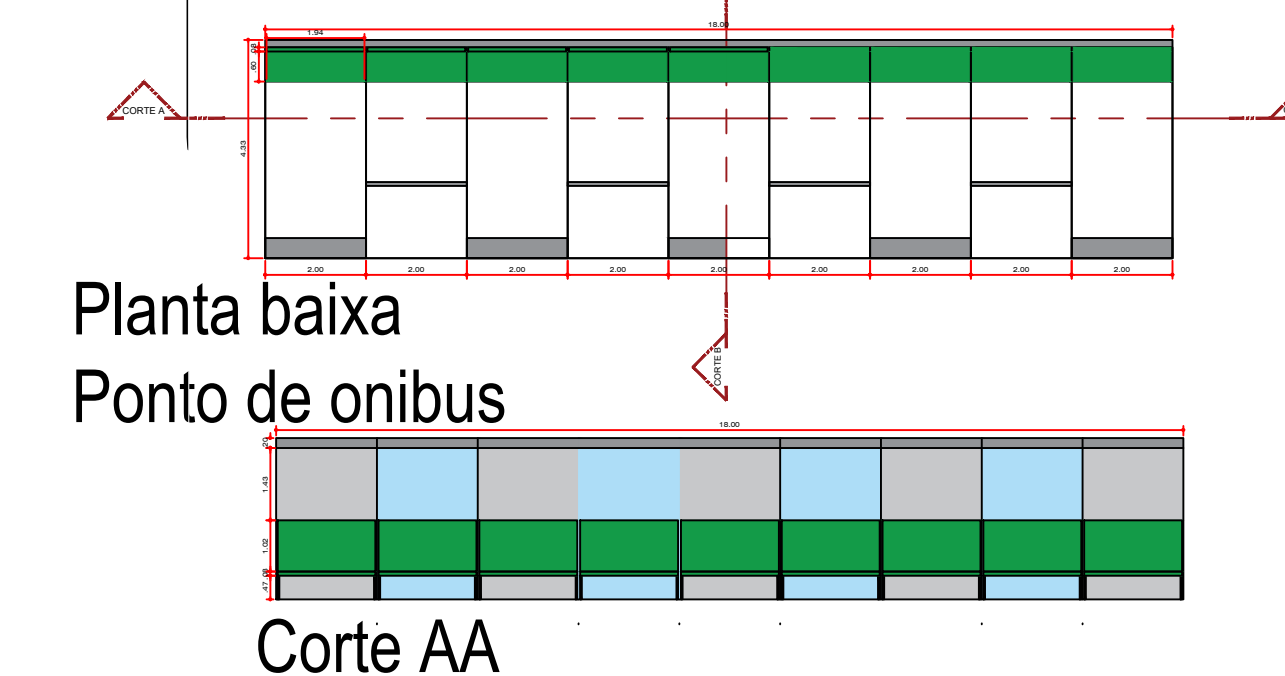
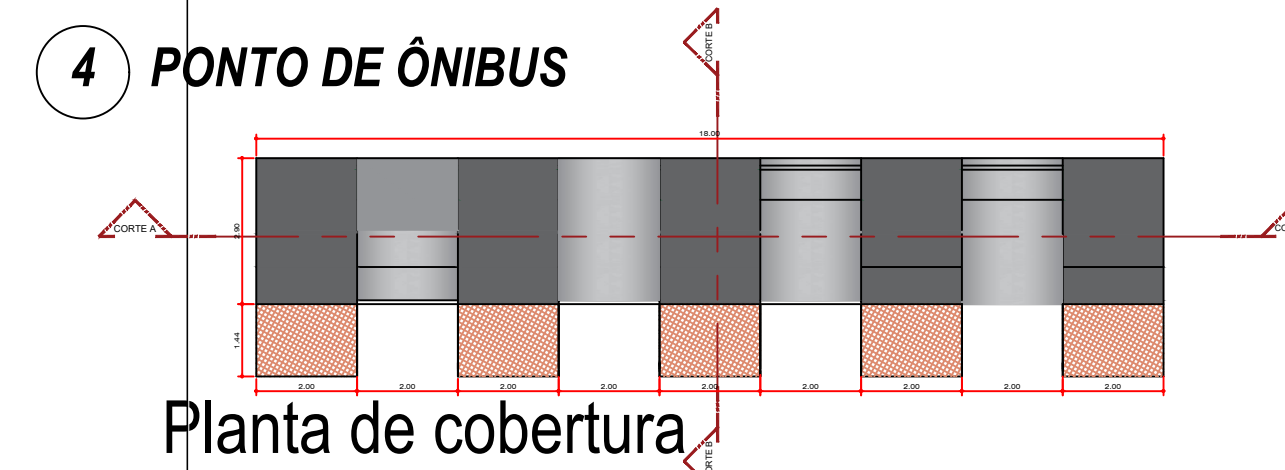
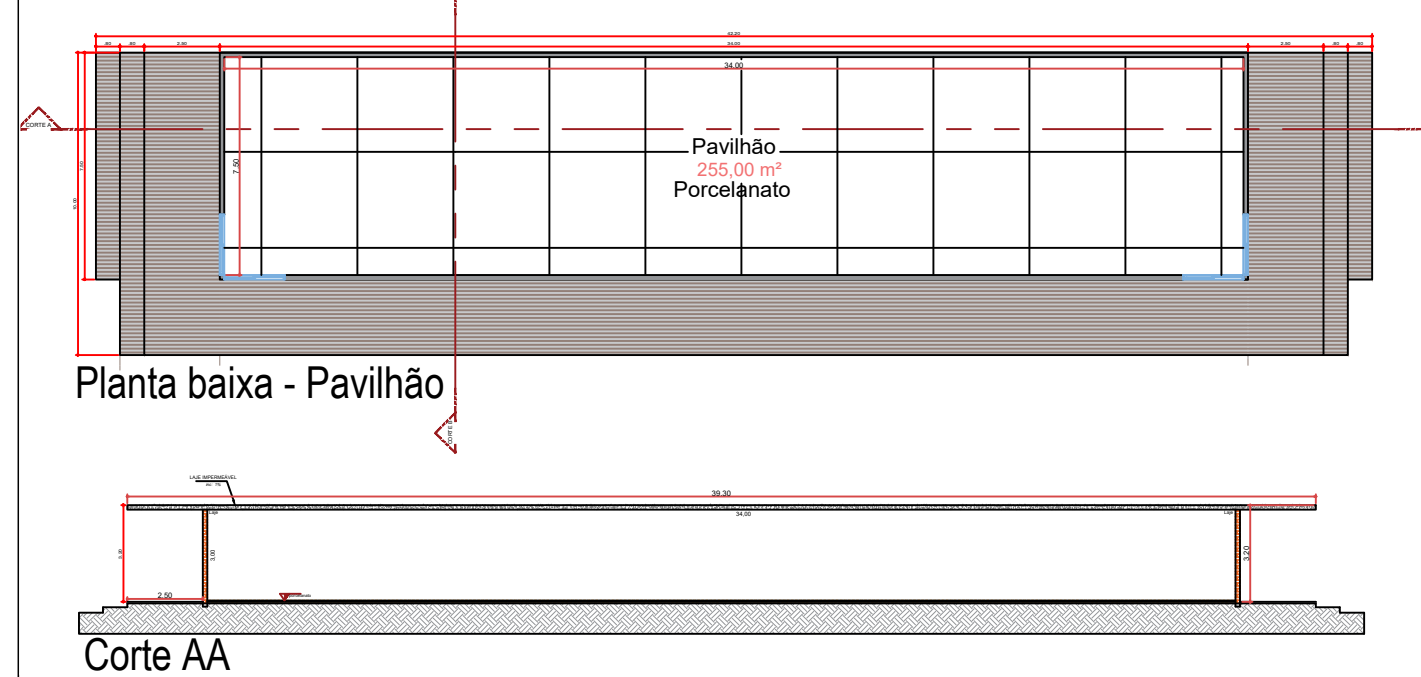
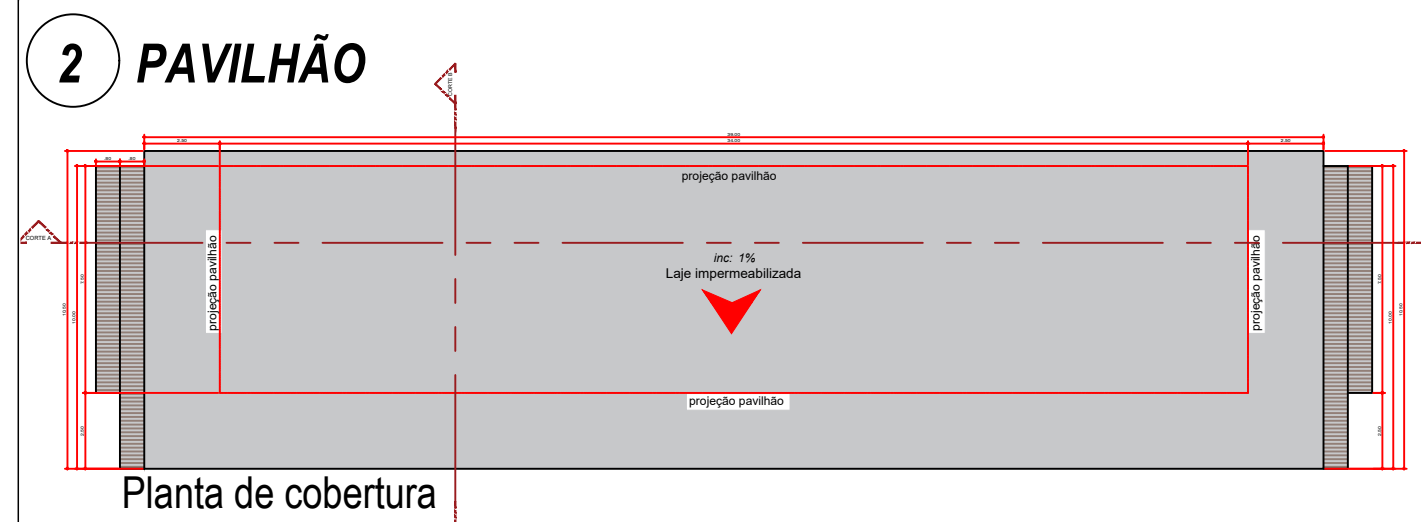
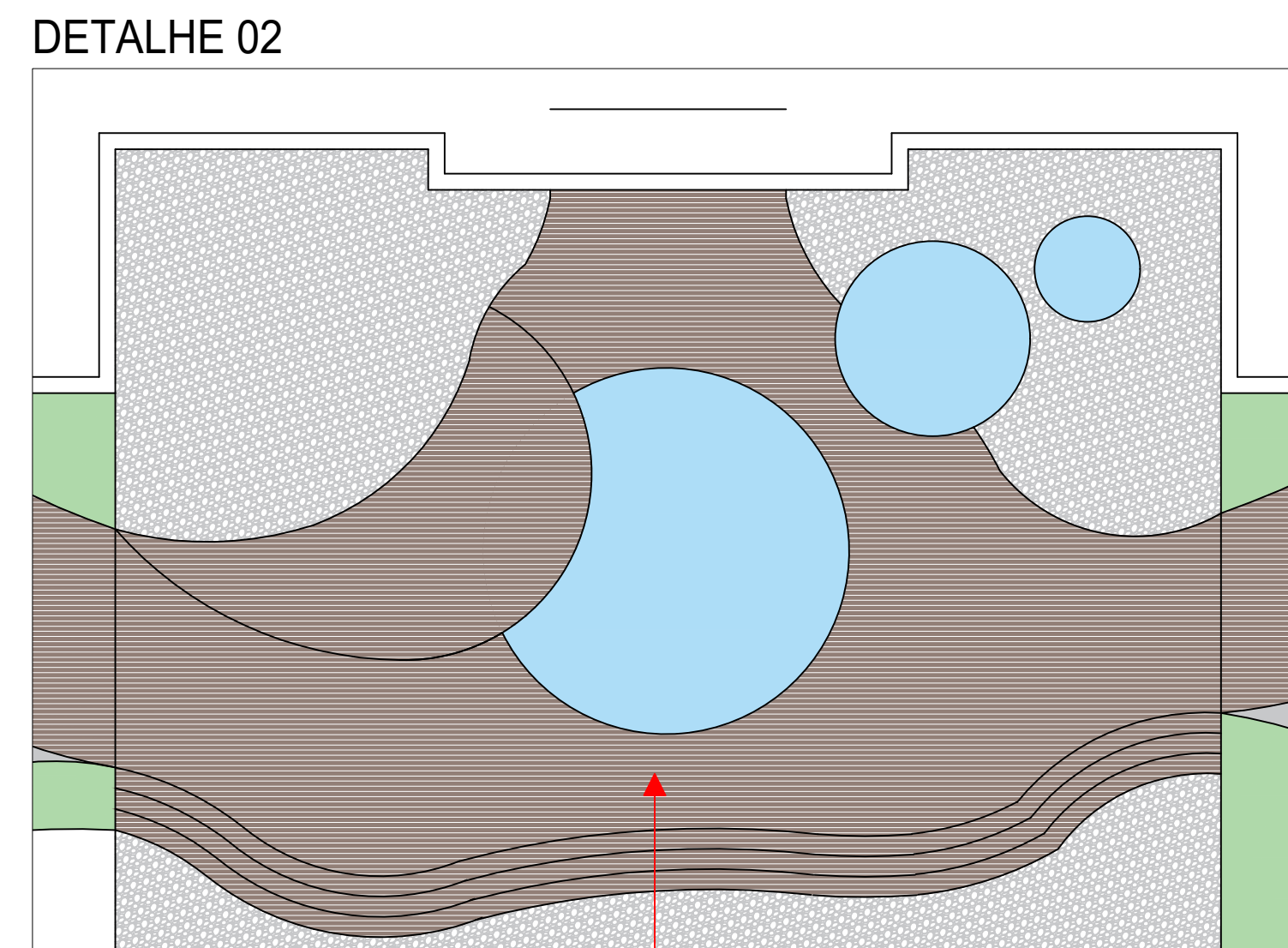
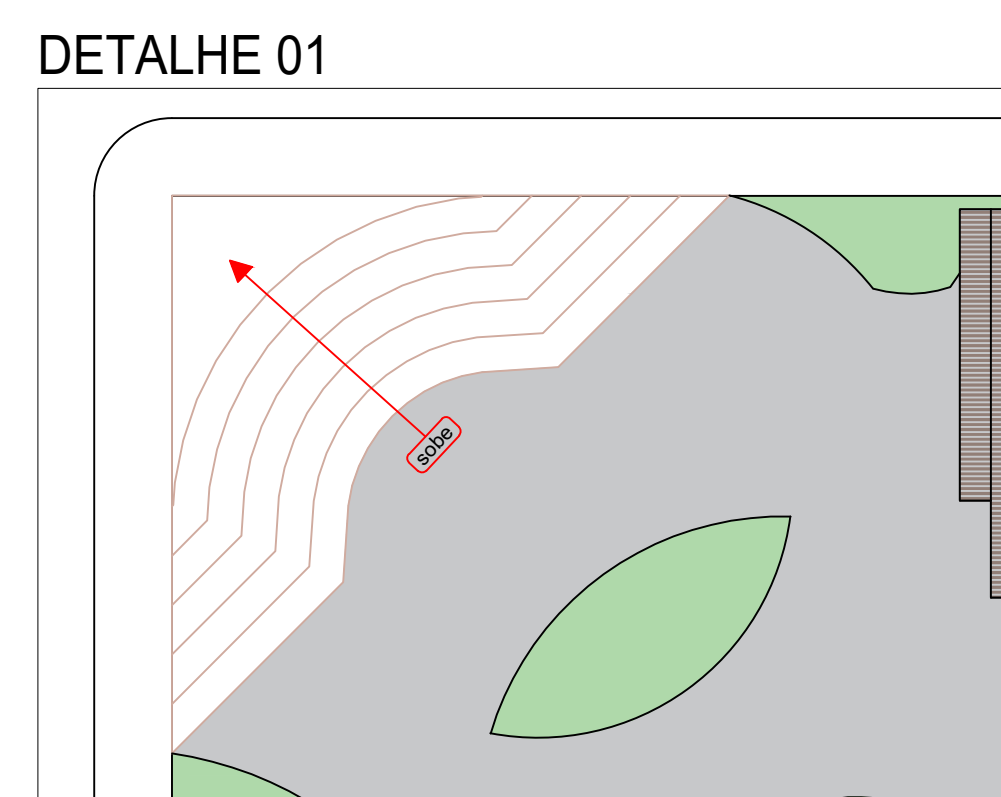
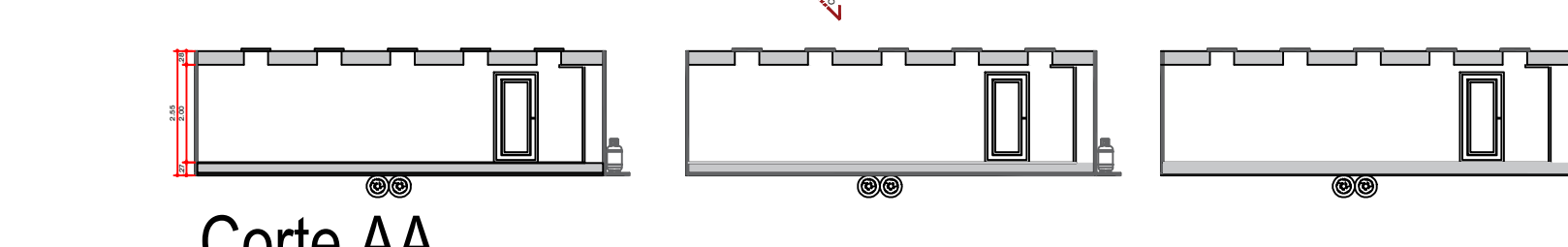
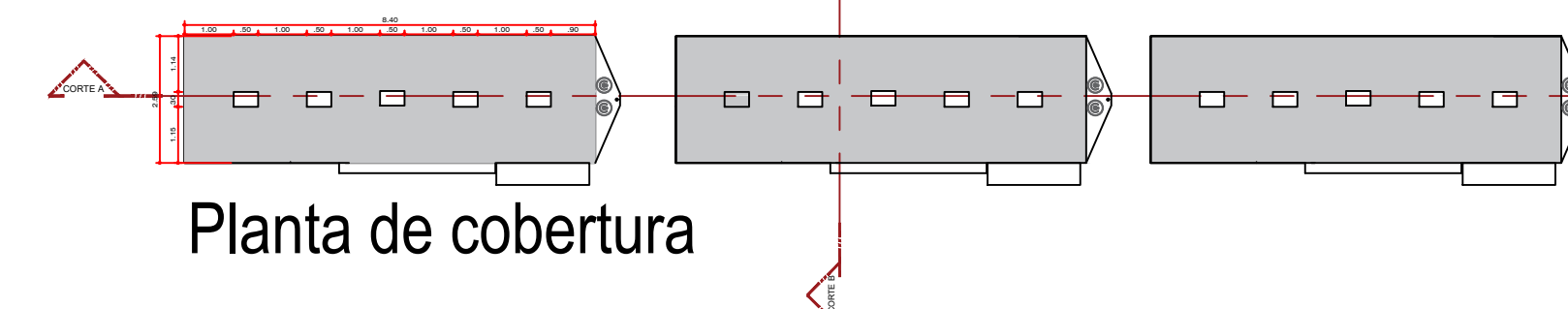
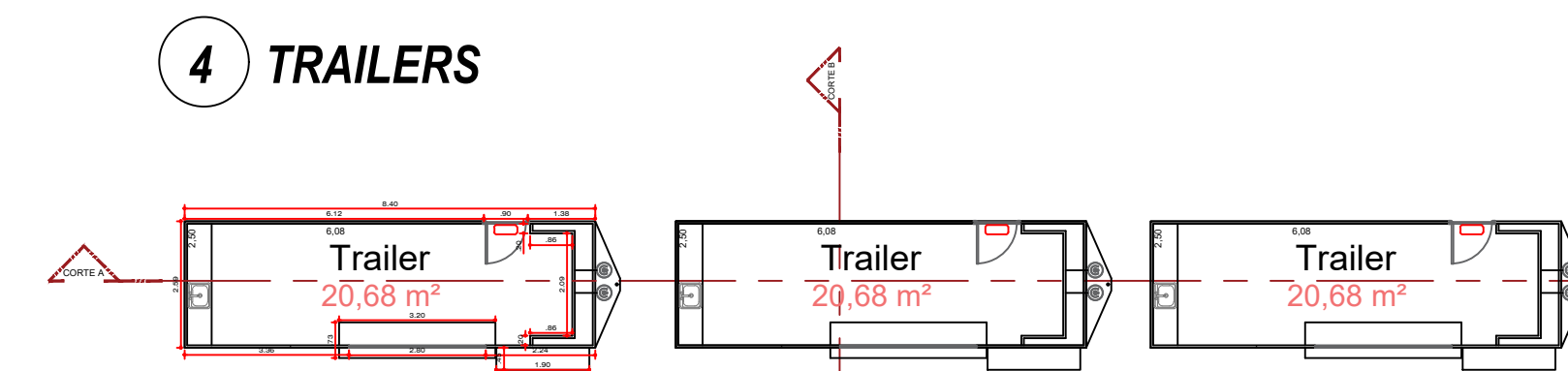
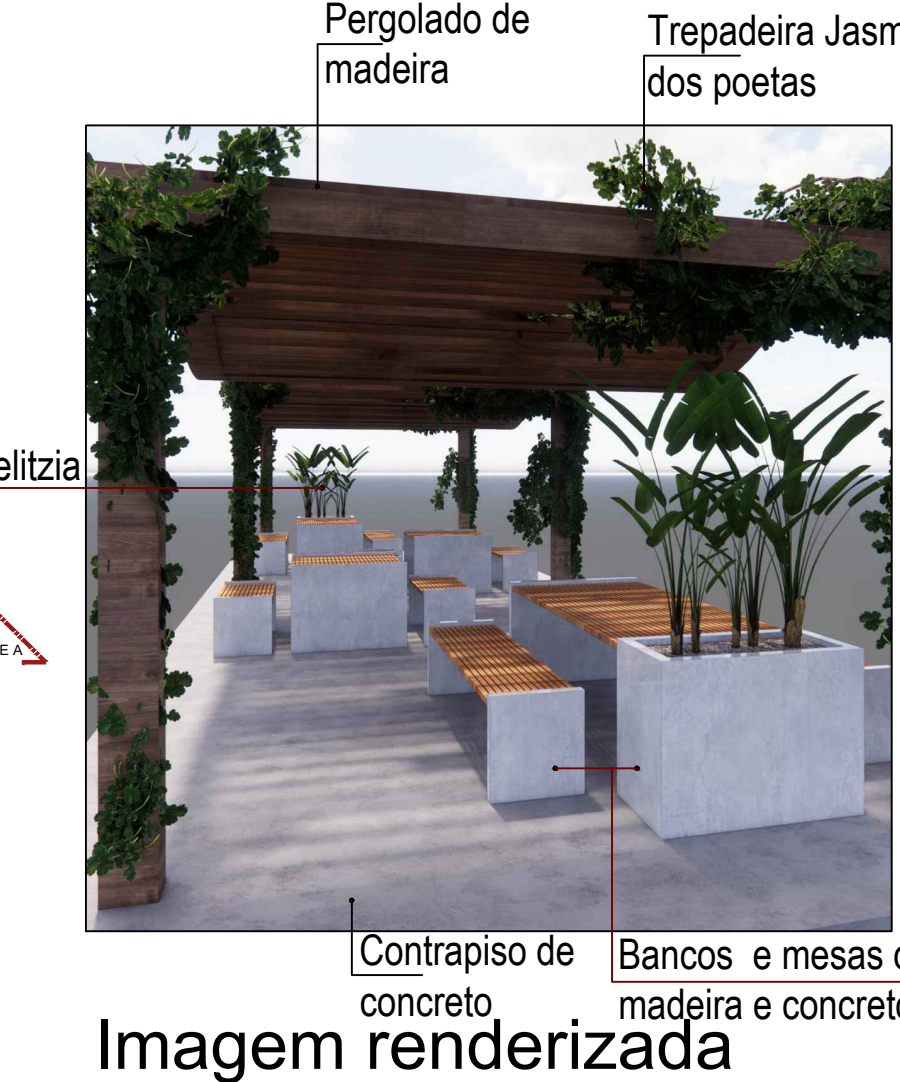
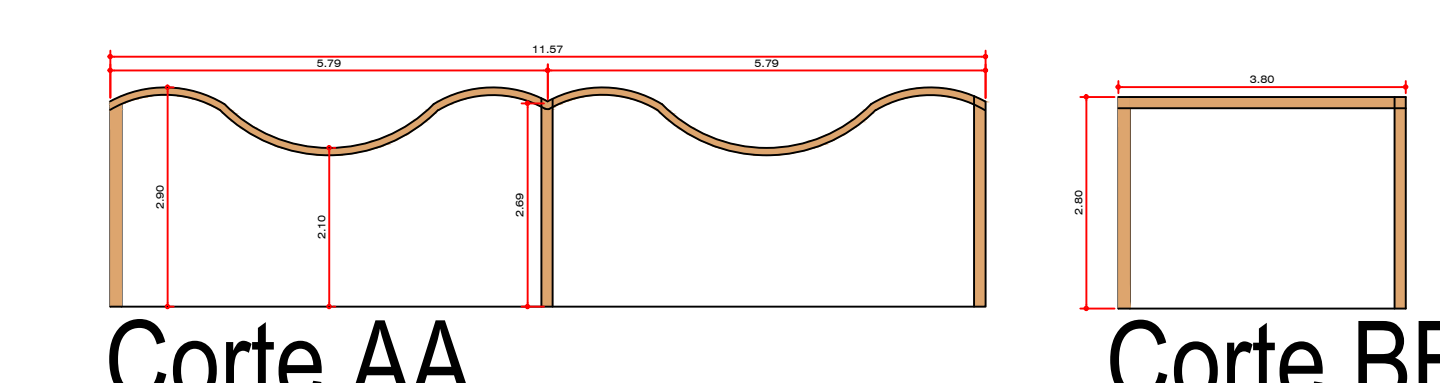
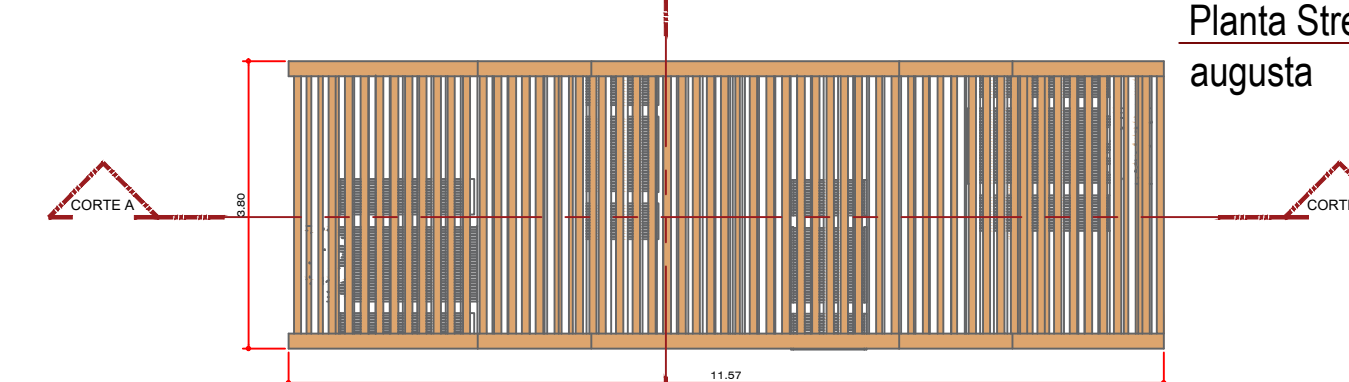
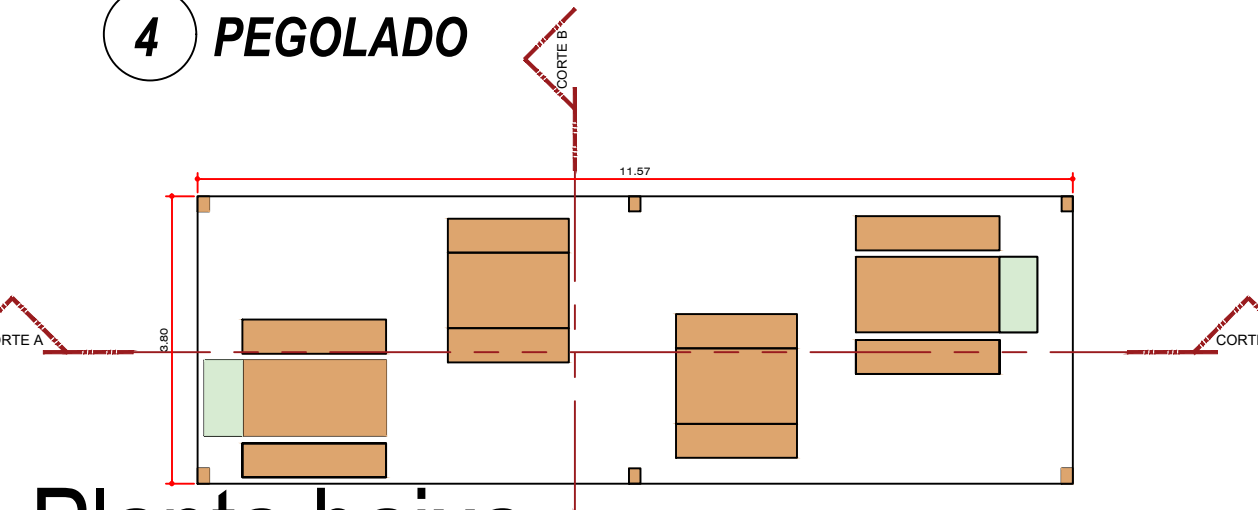
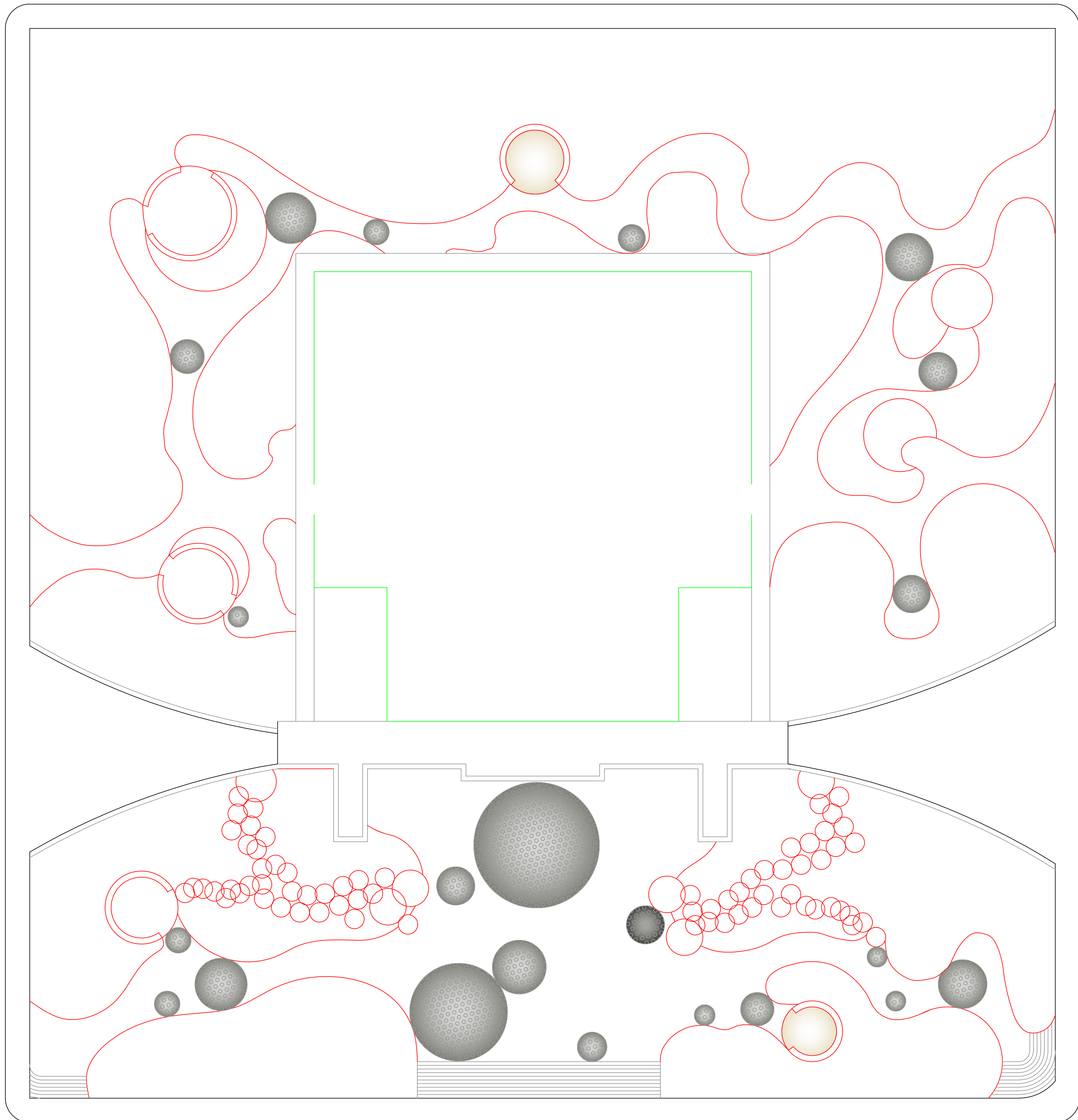


Imagem renderizada

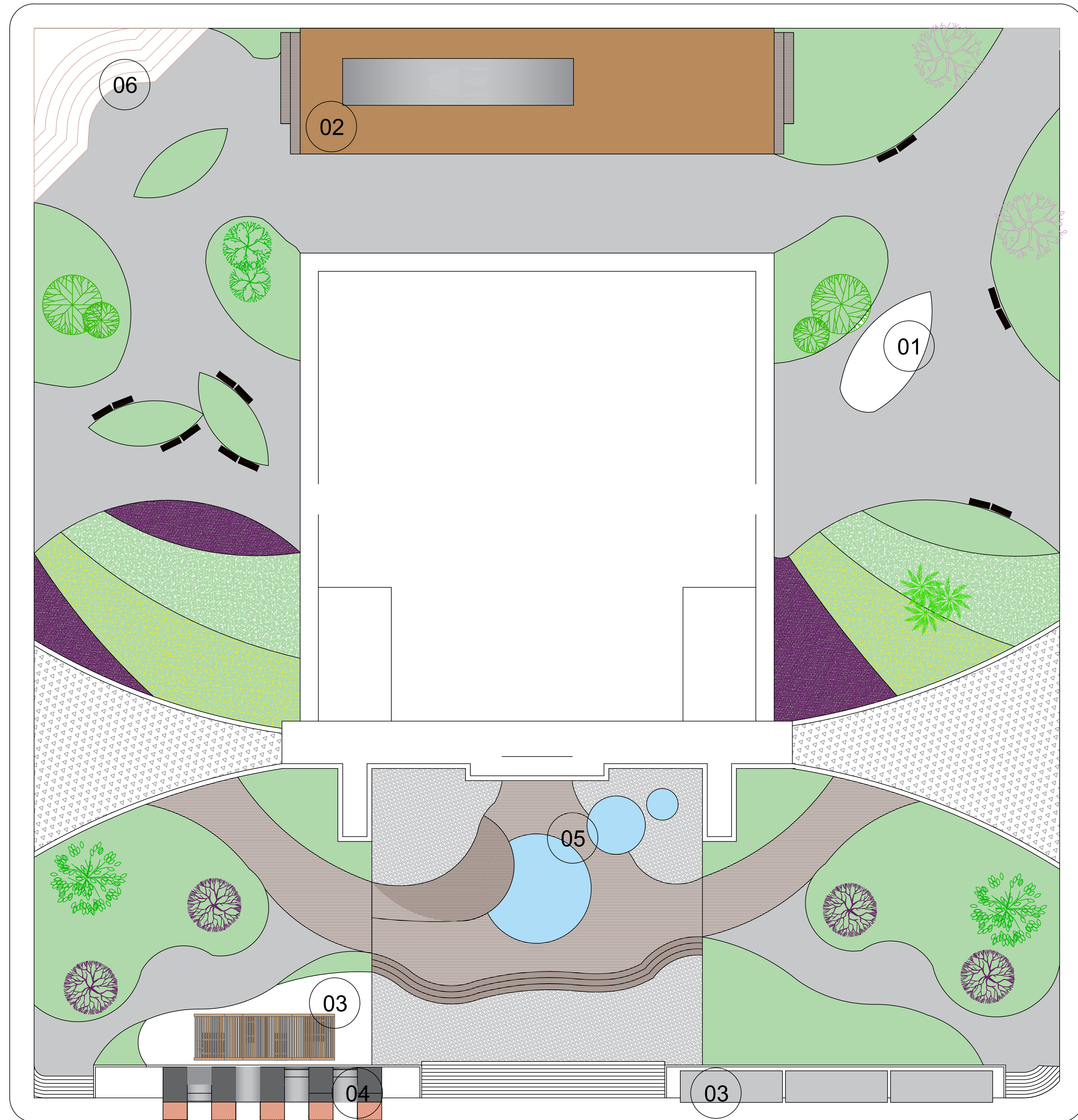


Imagem renderizada





SITUAÇÃO ATUAL
ESCALA 1:250



IMPLANTAÇÃO
ESCALA 1:250

LEGENDA

01	CAPELA Nossa Senhora dos Rosários dos Homens Pretos
02	PAVILHÃO
03	ÁREA ALIMENTAÇÃO Mesas e Trailers
04	PONTO DE ÔNIBUS
05	ESPELHO D'ÁGUA Com deck acessível
06	ESCADARIA

TABELA VEGETAÇÃO PEQUENO E MÉDIO PORTE

SÍMBOLO	ESPÉCIE	NOME CIENTÍFICO	CLASSIFICAÇÃO	FLORAÇÃO
	Palmeira-ráfis	Rhapis excelsa	Palmeira de pequeno porte	Não significativa
	Aroeira-pimenteira	Schinus terebinthifolius	Médio porte (6–10 m)	Pequenas e esbranquiçadas
	Manacá-da-serra	Tibouchina mutabilis	Médio porte	Branca → rosa → roxa – primavera
	Murta-de-cheiro	Murraya paniculata	Pequeno porte (2–4 m)	Branca e perfumada – muito sutil
	Oiti	Licania tomentosa	Árvore de grande porte	Pequena e discreta – amarela-pálida
	Ipê-roxo	Handroanthus impetiginosus	Árvore de médio porte	Roxa – inverno/início da primavera

FACULDADE GALILEU
ARQUITETURA E URBANISMO

MARIA JÚLIA XAVIER JESUS SILVA

REQUALIFICAÇÃO DA PRAÇA CARLOS GOMES
O IMPACTO DO URBANISMO NA PRESERVAÇÃO E VALORIZAÇÃO DA
HISTÓRIA AFRODESCENDENTE EM ESPAÇOS PÚBLICOS

BOTUCATU

2025

MARIA JÚLIA XAVIER JESUS SILVA

REQUALIFICAÇÃO DA PRAÇA CARLOS GOMES

**O IMPACTO DO URBANISMO NA PRESERVAÇÃO E VALORIZAÇÃO DA
HISTÓRIA AFRODESCENDENTE EM ESPAÇOS PÚBLICOS**

Monografia apresentada ao Curso de
Arquitetura e Urbanismo da Faculdade
Galileu, campus Botucatu, da disciplina
Trabalho de Conclusão de Curso para
obtenção do diploma de graduação em
Arquitetura e Urbanismo.

Orientador (a): Professora Me. Beatriz Leite
Antunes

BOTUCATU

2025

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, por ser minha força nos momentos em que eu pensei em desistir. Pela calma nos dias difíceis e pela esperança que nunca deixou de me visitar.

À minha orientadora, professora Beatriz Leite Antunes, meu agradecimento mais profundo. Sua escuta generosa, seu conhecimento e sua confiança foram a base deste trabalho. Sua orientação não foi apenas acadêmica, mas também humana.

Aos meus pais e ao meu irmão, obrigada por cada gesto de apoio, por acreditarem em mim, mesmo quando eu não sabia exatamente para onde estava indo. A vocês, todo o meu amor.

Aos meus avós, por serem as raízes que sustentam minha história, mesmo quando eu ainda buscava onde me encaixar.

Às minhas amigas Carol, Ana Laura e Maria, por cada riso, cada conversa, cada fofoca compartilhada nas pausas do cansaço. Ter vocês por perto, foi um presente que deu leveza ao caminho.

Sou grata por representar minha família como filha, neta e sobrinha formada, um marco muito especial para todos nós. Essa conquista não é só minha, é nossa. Carrego comigo o orgulho e respeito por quem veio antes e a responsabilidade de abrir caminhos para quem virá depois.

E, por fim, agradeço pela força para seguir em frente, pelos sonhos que inspiram e pelo desejo sincero de ser uma arquiteta capaz de emocionar, transformar e criar espaços que acolham e contem histórias.

***"A memória é o lugar onde a
liberdade começa."***

— Conceição Evaristo

RESUMO

Este trabalho investiga a relação entre a população negra e os espaços públicos, com foco na Praça Carlos Gomes e na Paróquia São Benedito, em Botucatu (SP), compreendendo esses espaços como marcos de resistência, memória e pertencimento. A pesquisa parte do entendimento de que o processo de exclusão da população negra no Brasil, mesmo após a abolição da escravidão, perpetuou-se de forma estrutural e espacial, marginalizando comunidades em diversos contextos urbanos. Por meio de levantamento histórico, análise bibliográfica e observação do território, discute-se a importância da requalificação urbana como ferramenta para reverter processos de apagamento, promover inclusão e recuperar o valor simbólico e social de espaços historicamente negligenciados. Diante disso, destaca-se a relevância de projetos de requalificação como estratégias fundamentais para transformar esses espaços, fortalecendo sua função social e simbólica. Assim, este trabalho resulta na proposta de um **projeto de requalificação da Praça Carlos Gomes**, com o objetivo de valorizar suas raízes históricas, promover inclusão e estimular novos usos a partir de uma perspectiva de justiça social e memória coletiva. A abordagem também propõe reflexões sobre o papel das praças públicas na formação de vínculos comunitários, na manutenção da cultura e na afirmação identitária, sobretudo quando associadas a grupos historicamente excluídos. Assim, o trabalho defende que repensar o espaço urbano com base em justiça social e memória coletiva é fundamental para garantir cidades mais equitativas e representativas.

Palavras-chave: *Requalificação urbana; população negra; espaço público; memória; Botucatu.*

ABSTRACT

This study investigates the relationship between the Afro-Brazilian population and public spaces, focusing on Praça Carlos Gomes and the São Benedito Parish in Botucatu (SP), understanding these spaces as landmarks of resistance, memory, and belonging. The research is based on the premise that the exclusion of Afro-Brazilian people in Brazil, even after the abolition of slavery, has persisted structurally and spatially, marginalizing communities in various urban contexts. Through historical survey, bibliographic analysis, and territorial observation, the study discusses the importance of urban requalification as a tool to reverse erasure processes, promote inclusion, and recover the symbolic and social value of historically neglected spaces. It highlights the relevance of requalification projects as essential strategies to transform these spaces, strengthening their social and symbolic functions. Consequently, this work presents a requalification project proposal for Praça Carlos Gomes, aiming to valorize its historical roots, foster inclusion, and encourage new uses based on social justice and collective memory perspectives. The approach also reflects on the role of public squares in building community bonds, preserving culture, and affirming identity, especially for historically excluded groups. Thus, the study advocates that rethinking urban space grounded in social justice and collective memory is crucial for ensuring more equitable and representative cities.

Keywords: *Urban requalification; Afro-Brazilian population; public space; memory; Botucatu.*

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. METODOLOGIA.....	10
3. DESENVOLVIMENTO.....	12
3.1. A Praça Carlos Gomes: História e Transformações	12
3.1.1. Origens e Funções Sociais das Praças Públicas - De Espaço Central a Espaço Negligenciado	12
3.2. Racismo e a Produção do Espaço Urbano.....	13
3.2.1. Racismo Estrutural e as Dinâmicas Urbanas.....	13
3.2.2. Memória Afrodescendente no Espaço Público	14
3.3. O Catolicismo Negro e a Paróquia São Benedito.....	15
3.3.1 Catolicismo Negro no Brasil: Resistência e Fé.....	15
3.3.2 Patrimônio Afrodescendente - Diálogo com a Paróquia São Benedito em Botucatu	16
3.4.....	22
Requalificação de Espaços Públicos	22
3.4.1. Requalificação Urbana: Conceitos e Práticas.....	22
3.5. Urbanismo Feminino: Perspectivas de Gênero nos Espaços Públicos.....	23
3.5.1. O Urbanismo Feminino e Suas Contribuições	23
4. RESULTADOS	25
4.1 Análise da Situação Atual da Praça Carlos Gomes.....	25
Ficha de Avaliação Técnica — Praça Carlos Gomes.....	27
4.1.2 Classificação da relação físico – simbólica da Praça Carlos Gomes: Topofilia e Topofobia.	29
4.1.3.....	31
Paralelos e Lições para a Praça Carlos Gomes.....	31
4.2. ANÁLISE DO PÚBLICO E USO ATUAL	34
4.2.1. Principais horários e fluxos de uso.....	34
4.2.2. Perfil dos Usuários e Condições de Permanência	35
4.2.3. Observações Técnicas da Paisagem e Comportamento dos Usuários.....	36
4.2.4 O Entorno e a Vivência Urbana	37
4.2.5. Composição paisagística: Proposta de requalificação vegetal	40
4.2.6. Considerações para o projeto	42
4.3. PROJETO	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	45
ANEXOS	48

1. INTRODUÇÃO

A praça por definição é um espaço público onde a população pode transitar, reunir, usufruir de práticas de lazer, de cultura, fins políticos, religiosos e na malha urbana pode servir como pontos de aglomeração de vegetação e pontos de apoio para o transporte público com os pontos de ônibus. Como Jan Gehl (2010, p. 27) destaca, “os espaços públicos são a alma da cidade, locais essenciais para a convivência, onde as pessoas se encontram, socializam e constroem a vida comunitária”. Dessa maneira, entende-se que as praças são capazes de incentivar a prática de sociabilidade como um local de interações interpessoais, atividades de lazer, espaço público com vegetação nas cidades e integrar os cidadãos em atividades sociais, comerciais e culturais (FISS E FRANCISCHETT, 2020).

Entretanto, nem sempre esses espaços são acessíveis ou receptivos a todos. A segregação socioespacial caracteriza-se pela divisão dos espaços urbanos de acordo com as características das pessoas que neles habitam, manifestando-se na separação intrínseca de áreas específicas para diferentes estratos sociais (OLIVEIRA, 2020). Essa divisão pode ser determinada por critérios de gênero, econômicos, raciais e/ou sociais. Em particular, a segregação racial refere-se à divisão dos espaços urbanos com base exclusivamente em critérios raciais.

Apesar da ampla miscigenação que caracteriza a população brasileira, ainda vivemos em uma sociedade estruturalmente marcada pelo racismo e pela segregação. Após a abolição da escravidão em 1888, muitos espaços urbanos passaram a ser delimitados com base em critérios raciais, estabelecendo uma lógica segregacionista que excluía a população negra do convívio pleno na vida urbana (CAMPOS, 2017). Equipamentos públicos essenciais, como hospitais, escolas, igrejas e até cemitérios, eram duplicados ou separados, de modo a evitar que pessoas brancas compartilhassem os mesmos espaços com aquelas que, até então, haviam sido escravizados e submetidos a diversas formas de abuso físico e psicológico, sem qualquer tipo de remuneração ou reconhecimento humano.

No município de Botucatu, no interior do estado de São Paulo, um desses espaços históricos permanece como símbolo de resistência: trata-se da Paróquia São Benedito, localizada na Praça Carlos Gomes, fundada no início do século XX. A igreja, ocupa hoje o local da antiga Igreja Nossa Senhora do Rosário, originalmente frequentada por descendentes de africanos, e representa não apenas um local de culto religioso, mas também de afirmação identitária e enfrentamento à exclusão social imposta historicamente. Durante décadas, esse espaço serviu como refúgio espiritual e cultural para uma população marginalizada e invisibilizada pelas políticas públicas e pela sociedade em geral (BOTUCATU ONLINE, 2020).

Assim como diversas praças brasileiras, a Praça Carlos Gomes atualmente enfrenta diversas dificuldades atreladas diretamente à falta de uso, acessibilidade e segurança. Resultando em um cenário de abandono e descaso que acaba prejudicando diretamente o principal foco do espaço público: o usuário. Este cenário de insegurança é agravado, quando observamos estas problemáticas pela ótica feminina, visto que espaços

com pouca iluminação, paisagismo inadequado e com baixa frequência de uso acabam contribuindo para situações de abuso e violência, afastando mulheres de espaços que eram para ser comuns a todos os gêneros.

Essa estrutura social, embora tenha sido reformulada ao longo do tempo, ainda mantém mecanismos de segregação racial que se originam no período escravocrata e perpetuam valores e práticas excludentes. Como destaca Silva (1987, p. 112), “a exclusão social e espacial dos negros no Brasil é uma herança do passado escravocrata que se manifesta nas práticas cotidianas e na estrutura urbana, consolidando desigualdades e segregações que ainda persistem”. Tais mecanismos evidenciam-se na ocupação desigual do território urbano, reforçando uma lógica espacial que segrega e marginaliza determinados grupos, especialmente a população negra. Essa realidade histórica, alicerçada em bases racistas e discriminatórias, mostra-se incompatível com os princípios modernos de justiça social, equidade e respeito à diversidade.

Diante desse cenário, observa-se, na atualidade, a emergência de novas abordagens no campo do planejamento urbano, que visam resgatar criticamente a história dos espaços públicos e configurá-los de modo a atender às demandas da sociedade contemporânea. A requalificação urbana, nesse contexto, vai além da simples melhoria estética ou estrutural: ela incorpora dimensões socioculturais, simbólicas e funcionais, reafirmando o papel do espaço como elemento central para a promoção da cidadania. Entre as abordagens mais relevantes nesse processo, destaca-se o urbanismo feminino, que propõe uma leitura sensível do cotidiano urbano a partir da vivência das mulheres, reconhecendo suas necessidades específicas em termos de segurança, mobilidade, cuidado e convivência. Ao integrar essas perspectivas, a requalificação dos espaços urbanos configura-se como uma estratégia fundamental para a construção de cidades mais inclusivas, acessíveis e equitativas (MONTEIRO, 2018).

A memória da população negra em Botucatu não se restringe apenas à Praça Carlos Gomes, mas está vinculada ao território como um todo, no qual se desenrolaram práticas, manifestações culturais e religiosas fundamentais para a constituição da identidade local. Entretanto, por se tratar de um espaço público, a praça possui o potencial de resgatar e valorizar simbolicamente essas práticas, tornando-se um local representativo da memória coletiva afrodescendente.

Nesse sentido, o presente projeto tem como objetivo promover a requalificação urbana da Praça Carlos Gomes, situada na Rua Prefeito Tonico de Barros, no município de Botucatu (SP). Para além da revitalização do espaço físico, a proposta busca evidenciar a relevância histórica e cultural da Paróquia São Benedito, ali localizada e que representa um importante marco para a comunidade afrodescendente da cidade. A praça e a paróquia configuram-se como testemunhos materiais da contribuição dessa população para o desenvolvimento social e cultural de Botucatu, reforçando a importância da valorização da diversidade étnico-racial nos espaços públicos.

Além disso, a intervenção proposta está alinhada aos princípios do urbanismo feminino, que reconhece a necessidade de considerar as experiências e demandas específicas das mulheres nos processos de planejamento urbano. Em especial, destaca-se a importância de projetar espaços que acolham e representem as vivências de mulheres negras, frequentemente afetadas por desigualdades estruturais e pela invisibilidade nos ambientes urbanos. Assim, a requalificação da Praça Carlos Gomes visa promover um ambiente seguro,

acessível, acolhedor e simbolicamente representativo, permitindo que todas as mulheres e, sobretudo, as mulheres negras, possam usufruí-lo como local de memória, convivência e fortalecimento comunitário.

Dessa forma, a requalificação da Praça Carlos Gomes e a valorização da Paróquia São Benedito ultrapassam a dimensão da preservação patrimonial. Trata-se de uma ação que integra inclusão social, reconhecimento histórico e justiça urbana, reafirmando o papel dos espaços públicos como agentes ativos na construção de uma sociedade plural e comprometida com o respeito às diferentes trajetórias e identidades.

2. METODOLOGIA

Este estudo, de caráter exploratório, tem como objetivo compreender o impacto do urbanismo na preservação e valorização da memória afrodescendente em espaços públicos, com foco na Praça Carlos Gomes, no município de Botucatu (SP). Para alcançar tal finalidade, adotou-se uma abordagem qualitativa, pautada na interpretação crítica de dados empíricos e documentais.

A metodologia empregada contempla múltiplas estratégias de investigação, entre as quais se destacam:

- **Revisão bibliográfica**, com a análise de livros, artigos acadêmicos, legislações urbanísticas e publicações científicas relacionadas aos temas da memória coletiva, urbanismo, cultura afro-brasileira e requalificação de espaços públicos. Para garantir a abordagem coerente sobre os temas aqui tratados foram selecionadas referências que dialogam com a abordagem, sendo assim, tornam-se destaques autores como Flávio Villaça e Jan Gehl que contribuíram com a compreensão da dinâmica do espaço urbano e da função social das praças; Jane Jacobs e Leslie Kern enriqueceram o debate sobre a qualidade dos espaços públicos a partir de uma perspectiva voltada ao movimento feminista, uso cotidiano e à segurança. A discussão sobre identidade negra e resistência no espaço urbano foi sustentada por estudiosas como Antônia Quintão, Milena Cruz, Heloisa Oliveira e Marcos Rodrigues da Silva, enquanto Lilia Schwarcz e Jessé Souza forneceram embasamento crítico sobre racismo estrutural, exclusão urbana e heranças escravistas. No campo do patrimônio cultural afro-brasileiro, destaca-se também a contribuição de Beatriz Leite Antunes com foco local no município de Botucatu.

Tabela 1 – Principais autores utilizados na revisão bibliográfica

Tema	Autor(es)
Memória coletiva e patrimônio afro-brasileiro	Antonia Aparecida Quintão; Marcos Rodrigues da Silva; Lilia Schwarcz
Cultura afro-brasileira na arquitetura e urbanismo	Milena Jasmine Costa Cruz; Heloisa Oliveira
Urbanismo e espaço público no Brasil	Flávio Villaça; Jan Gehl; Jane Jacobs
Urbanismo com perspectiva de gênero	Leslie Kern; Blanca Valdivia

Tema	Autor(es)
Requalificação de praças públicas e apropriação do espaço	Bruna K. Fiss; Verônica C. Viero; Marina da Silva Teixeira
Exclusão urbana, racismo estrutural e desigualdade	Jessé Souza; Lília Schwarcz
História e urbanização de Botucatu	Beatriz Leite Antunes

Fonte: Elaborado pela autora (2025)

- **Entrevistas semiestruturadas** com membros da comunidade local, conforme modelo apresentado no Apêndice A, e com o pároco responsável pela Paróquia São Benedito, cuja contribuição foi essencial para o resgate de informações históricas sobre a construção e o simbolismo da igreja no contexto da população negra de Botucatu;
- **Coleta e análise de documentos oficiais** junto à Prefeitura Municipal de Botucatu, visando à obtenção de registros urbanísticos, plantas, decretos e informações técnicas sobre a praça e seu entorno;
- **Levantamento fotográfico e visitas técnicas in loco**, realizadas com o intuito de diagnosticar o estado atual de conservação, uso e apropriação do espaço urbano pela população, bem como de identificar as potencialidades e fragilidades da área de estudo; elaboração de **ficha técnica de avaliação da infraestrutura do espaço**
- **Pesquisa de referências projetuais**, com foco em intervenções de requalificação urbana e soluções de mobiliário urbano alinhadas aos princípios do urbanismo inclusivo, buscando casos exemplares nacionais e internacionais que inspirem boas práticas e inovação no tratamento de espaços públicos com valor histórico e cultural;
- **Desenvolvimento do projeto arquitetônico**, realizado por meio do software AutoCAD®, SKETCHUP® e ArchiCAD®, contemplando diretrizes de acessibilidade, segurança, conforto e pertencimento. A concepção paisagística foi fortemente influenciada pelas composições visuais de Roberto Burle Marx, cuja obra serviu como referência para a estruturação de formas orgânicas, integração com a vegetação nativa e valorização estética da paisagem urbana.

A escolha por uma abordagem metodológica ampla e integrada justifica-se pela complexidade do objeto de estudo, que demanda uma análise sensível, histórica e espacial dos processos de invisibilização e resistência da população negra. A articulação entre os dados empíricos, as narrativas coletadas e o embasamento teórico permitiram construir uma leitura crítica e propositiva, alinhada aos objetivos sociais, culturais e urbanísticos do projeto.

3. DESENVOLVIMENTO

3.1. A Praça Carlos Gomes: História e Transformações

3.1.1. Origens e Funções Sociais das Praças Públicas - De Espaço Central a Espaço Negligenciado

O conceito de praça tem suas origens em espaços públicos da Idade Antiga, como a Ágora grega, que significava “assembleia” ou “lugar de reunião” e era o centro das atividades políticas, comerciais e religiosas das cidades (MUMFORD, 1998). Esses locais abertos, centrais e cercados por edificações públicas, desempenhavam funções políticas, sociais e de lazer. No contexto brasileiro, praças indígenas também funcionavam como locais de reunião comunitária, ritos religiosos e práticas coletivas. Como observa Villaça (2001), as praças são elementos essenciais na estrutura urbana, servindo não apenas para o encontro social, mas como espaços que expressam a vida coletiva da cidade.

As praças brasileiras têm sua origem criada entre a fusão do modelo urbano europeu - especialmente o português - e com os elementos culturais e espaciais dos povos originários. A adaptação do traçado urbano português ao território do chamado “Novo Mundo” foi inevitável, uma vez que o clima, a geografia, os materiais disponíveis e a própria cultura local eram significativamente distintas daqueles encontrados na Europa. Nesse contexto, a incorporação do modo de vida e da lógica espacial dos indígenas tornou-se essencial para a consolidação do processo de ocupação colonial (HOLANDA, 2013). Assim, as praças passaram a refletir uma síntese cultural, servindo como ponto de encontro entre diferentes matrizes civilizatórias.

Durante o período da colonização e da catequese, as praças mantiveram-se como elementos centrais no tecido urbano. Frequentemente situadas nos pontos mais altos das cidades, seguiam o modelo das antigas aldeias indígenas, ao redor das quais se organizavam as habitações e os edifícios públicos. A principal função desses espaços era abrigar a igreja matriz, funcionando também como passeio público e local de celebrações religiosas e cívicas.

Com o tempo outras atividades foram sendo atribuídas no espaço das praças, como manifestações políticas, comerciais e culturais.

As praças públicas, desde sua origem até a contemporaneidade, exercem um papel fundamental na promoção do sentimento de pertencimento social, possibilitando múltiplos usos que vão desde o exercício da cidadania até práticas culturais e políticas (VILLAÇA, 2001; GEHL, 2010). Os espaços públicos interdependem das políticas públicas para serem mantidos, com ações voltadas à infraestrutura, manutenção e incentivos culturais que favoreçam a permanência das pessoas nesses locais, além da definição de uso dos espaços, equipamentos e mobiliários.

Com as mudanças no uso do espaço urbano, impulsionadas pela urbanização acelerada e pela expansão imobiliária, muitas praças acabam sendo transformadas em áreas comerciais ou residenciais. Isso acontece porque, muitas vezes, é mais conveniente e interessante para os responsáveis ceder às pressões do mundo moderno do que manter um espaço público ou histórico. Como consequência, a comunidade perde espaços públicos disponíveis, principalmente aqueles que oferecem ambientes saudáveis de convivência.

Esse argumento se respalda pela generalização de situações como as ruas sendo tomadas pelos automóveis e as atividades de encontro e lazer se restringindo cada vez mais a espaços privados como *shoppings*, clubes, restaurantes, casas de show, etc. (TEIXEIRA, 2014).

De acordo com Rolnik (2015), a ausência do Estado em determinadas áreas urbanas se manifesta na negligência aos equipamentos públicos, que deixam de cumprir sua função social e passam a ser espaços de exclusão. Em áreas urbanas mais pobres ou periféricas, as praças públicas frequentemente recebem menos atenção e recursos, refletindo a desigualdade na distribuição de investimentos públicos e resultando em espaços negligenciados. O abandono leva à deterioração do local, o que gera a percepção de insegurança e pode afastar os frequentadores das praças. Situações como falta de manutenção da vegetação e dos equipamentos, ausência de iluminação adequada, presença de atividades ilícitas e a falta de vigilância são fatores que contribuem para a marginalização desses espaços.

3.2. Racismo e a Produção do Espaço Urbano

3.2.1. Racismo Estrutural e as Dinâmicas Urbanas

O racismo é o preconceito ou discriminação contra uma comunidade ou pessoa proveniente de grupos étnicos ou raciais tipicamente marginalizados, em destaque as pessoas pretas e/ou afrodescendentes. De acordo com o Estatuto da Igualdade Racial (Lei nº 12.288/2010), discriminação racial é:

'Toda distinção, exclusão, restrição ou preferência baseada em raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica que tenha por objeto anular ou restringir o reconhecimento, gozo ou exercício, em igualdade de condições, de direitos humanos e liberdades fundamentais'.

No Brasil, o racismo está profundamente enraizado nos pilares do seu crescimento econômico e da formação do país, desde o período colonial até a independência. Isso se deve, principalmente, à escravidão, que durou 388 anos e deixou marcas profundas na estrutura social brasileira.

Mesmo após a abolição, em 1888, o que se encerrou oficialmente foi apenas a comercialização legal de pessoas negras. A população negra permaneceu marginalizada, com acesso precário à cidade, sendo vista como inferior pela sociedade branca. Isso passou a compor o novo “normal” das pessoas alforriadas e de seus descendentes.

Esse processo histórico contribuiu diretamente para a segregação espacial nas cidades. A urbanização e os processos de gentrificação passaram a empurrar comunidades racializadas, especialmente negras e indígenas para as periferias, onde há menos recursos e oportunidades. Como consequência, há uma profunda desigualdade no acesso à saúde, educação, transporte e trabalho.

Além disso, essas áreas sofrem com o policiamento excessivo e violento, geralmente guiado por critérios raciais. Isso afeta diretamente a liberdade e o cotidiano das pessoas que vivem nesses territórios, perpetuando ciclos de exclusão e violência.

Como destaca Silvio de Almeida (2019) em *Racismo Estrutural*, o racismo no Brasil não é um desvio, mas parte estruturante da sociedade, presente em suas instituições, práticas econômicas e formas de ocupação do espaço.

Portanto, estruturalmente, vivemos em uma sociedade racista, que em atitudes cotidianas fazem manutenção deste tipo de preconceito, colocando em ‘exílio social’ pessoas de pele preta, reforçando lógicas sociais que deveriam ter sido rompidas com o fim oficial da escravidão.

3.2.2. Memória Afrodescendente no Espaço Público

O passado escravagista do Brasil permanece presente, de forma simbólica e estrutural, na atualidade. Essa permanência se manifesta, por exemplo, na existência de espaços públicos que ainda homenageiam figuras historicamente ligadas à escravidão ou na persistência de denominações como “sinhô” ou “sinhá” em estabelecimentos comerciais, por exemplo, termos que evocam o imaginário colonial.

Soma-se a isso a tendência de reduzir a história afrodescendente à condição de escravizados, sendo frequentemente narrada sob a perspectiva de sujeitos brancos, sem o devido reconhecimento do protagonismo negro na construção da sociedade brasileira. Como aponta Silvio Almeida (2019), o racismo no Brasil não é uma exceção, mas parte da própria estrutura social, moldando a forma como as instituições e os espaços públicos operam.

A negligência em atribuir elementos da cultura nacional, como expressões linguísticas, práticas religiosas, tradições culinárias e musicais às raízes africanas evidencia uma tentativa histórica de apagamento. Contudo, ao ser considerada apenas como “suporte” por meio da mão de obra escravizada, a presença africana também se transformou -contraditoriamente- em pilares para o desenvolvimento da identidade nacional. Dessa forma, a cultura africana e suas múltiplas manifestações tornaram-se parte essencial do alicerce sobre o qual se construiu a brasilidade.

A memória afrodescendente nos espaços públicos muitas vezes é representada apenas por evidências da escravidão, deixando de lado aspectos fundamentais como cultura, musicalidade, culinária ou

espiritualidade. Como destaca Cruz (2024), ainda é raro que os espaços urbanos brasileiros promovam uma valorização ativa da presença negra a partir de suas expressões culturais mais amplas e essa ausência contribui para o apagamento simbólico dessas contribuições.

Torna-se, portanto, urgente e necessário que a malha urbana reconheça e valorize os espaços historicamente vinculados à presença negra, conforme defendem Quintão (2004) e Silva (1987). Locais que foram cenários de sofrimento e desumanização devem ser ressignificados como territórios de resistência, luta e memória. A Igreja de São Benedito, em Botucatu, é um exemplo emblemático, embora careça de ações formais de reconhecimento. Este espaço, além de seu valor religioso, representou um ponto de encontro e fortalecimento para a população negra local, pois, era ali que homens e mulheres pretos podiam experimentar o pertencimento, a comunhão, a fé e a vida em coletividade, mesmo em contextos adversos.

3.3. O Catolicismo Negro e a Paróquia São Benedito

3.3.1 Catolicismo Negro no Brasil: Resistência e Fé

O Catolicismo negro no Brasil é um fenômeno complexo, resultado direto da diáspora de negros escravizados (QUINTÃO, 2004). Ao serem trazidos para o Brasil, originários africanos viram-se forçados a se integrar à uma nova cultura, predominantemente cristã, através da catequização. Esse processo os levou à absorção do catolicismo, mas não sem uma mescla significativa de culturas e religiões.

“[...] Destacamos nesse conflito entre as sociedades branca e negra duas forças que acreditamos serem as mais eficazes a partir da estratégia de seus sujeitos: a religião e a organização dos quilombos[...]. [...] Duas grandes expressões religiosas com as quais o escravo conviverá, em consequência da repressão escravagista, ele se envolvia num desafio de ordem interna e externas devido a duplicidade de cultos que agora ele teria de praticar: a religião oficial praticada pelo senhor – o catolicismo, complexo e racional[...] e a religião dos negros antepassados, caracterizando-se pela celebração da natureza na sua plenitude[...]” (Quintão, Antônia Aparecida, 1870-1890)

As atividades religiosas da população preta eram frequentemente demolidas e perseguidas pelos senhorios, o que levou à criação de construções integradoras da nova cultura à qual eram submetidos. Assim, surgiu uma forma de religiosidade afrocatólica, onde a dominação católica era mesclada com símbolos e práticas que remetiam à origem africana dos escravizados (QUINTÃO, 2004; CRUZ, 2023).

“A realização das Congadas era motivo de muitas divergências e até mesmo de conflitos. No final do século XVIII, as congadas, batuques, sambas, ainda se realizam pelas ruas da cidade, principalmente no Largo de São Bento ou junto às igrejas de São Benedito e do Rosário, após o recolhimento das procissões. As camadas privilegiadas da população bailavam à europeia, nos salões dourados dos palacetes.” (Quintão, Antonia Aparecida, **1870-1890**)

As Irmandades Negras foram associações religiosas e sociais formadas por pessoas negras, principalmente escravizados e seus descendentes, durante o período colonial no Brasil. Organizadas em torno de santos padroeiros, como São Benedito ou Nossa Senhora do Rosário, essas irmandades não apenas ofereciam apoio espiritual e material entre seus membros, mas também funcionavam como espaços de resistência, integração social e preservação de tradições culturais africanas em meio à imposição da fé católica.

Mesmo com perseguições frequentes e a tentativa das autoridades coloniais e religiosas de controlar suas práticas, muitas dessas irmandades resistiram e continuam ativas até hoje. Na cidade de São Paulo, por exemplo, ainda existem igrejas ligadas a essas irmandades, como a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, localizada na região central, no Largo do Paissandu. Esse espaço permanece como símbolo da resistência negra e da manutenção da religiosidade afrocatólica (QUINTÃO, 2004).

Essas irmandades foram fundamentais na adaptação das tradições religiosas africanas ao contexto católico. Com o tempo, os africanos recém-trazidos às Américas passaram a mesclar elementos de sua religiosidade original ao catolicismo imposto, criando uma identidade religiosa única, marcada pela resistência e pela preservação cultural.

3.3.2 Patrimônio Afrodescendente - Diálogo com a Paróquia São Benedito em Botucatu

O Brasil formou-se com base em uma mistura forçada de culturas, marcada pela imposição da cultura europeia sobre os povos africanos e indígenas. Após a colonização, a sociedade brasileira passou a reprimir os costumes nativos africanos, substituindo-os por práticas e valores católicos, “a catequização foi um instrumento de dominação cultural e social, onde virtudes como paciência, resignação e obediência eram ensinadas aos escravizados com o intuito de submeter suas mentes à lógica da exploração” (VIOTTI DA COSTA, 1977).

As religiões de matriz africana, que envolviam música, dança e a representação dos orixás como forças da natureza, foram suprimidas e reinterpretadas dentro do catolicismo como forma de sobrevivência cultural. Essa miscigenação religiosa deu origem a práticas híbridas, como a religiosidade afrocatólica, e mesmo

com o apagamento forçado, diversos ritos e tradições foram transmitidos oralmente e resistem até hoje, especialmente em cidades interioranas onde o catolicismo permaneceu dominante.

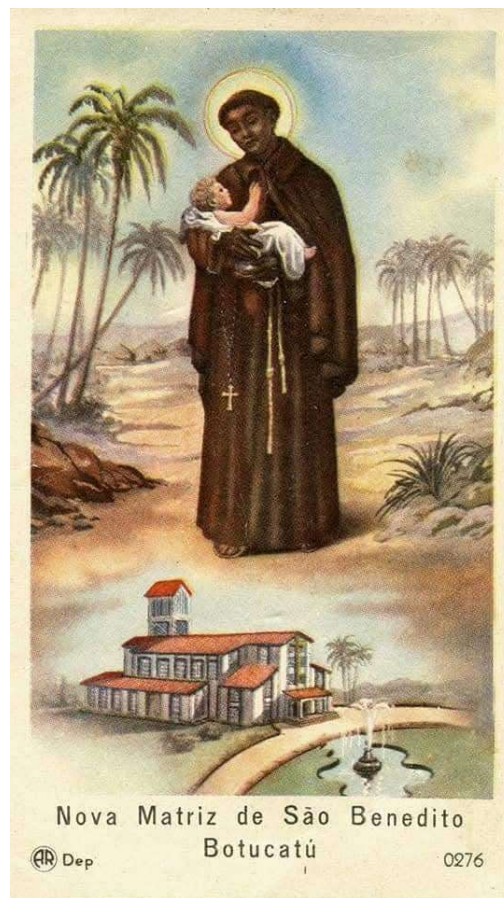
Essas cidades, como Botucatu, se organizaram inicialmente em torno de igrejas, que funcionavam como centros simbólicos e físicos da vida urbana. As praças ao redor das igrejas tornaram-se locais de convivência, festividades e encontros sociais, desempenhando papel fundamental na formação comunitária (ROLNIK, 2004).

No caso de Botucatu, cidade que se destacou pelo cultivo do café e pela força agrária no período colonial, a escravidão foi amplamente utilizada como motor da economia regional, pois a mão de obra negra era explorada para sustentar o funcionamento das fazendas. Segundo Antunes (2021), a região se consolidou como uma importante produtora de café na segunda metade do século XIX, com propriedades como a Fazenda Serra Negra explorando o trabalho forçado de pessoas escravizadas para viabilizar o crescimento da agroindústria cafeeira.

Após a abolição, como em todo o Brasil, a população negra libertada permaneceu marginalizada, sem acesso a trabalho digno, moradia, recursos básicos e identidade social. Por essas razões, muitos continuaram vivendo em situações de servidão dentro das estruturas herdadas dos engenhos e fazendas. Como observa Schwarcz (1993, p. 124), “a abolição da escravidão não significou a inclusão social dos negros, que continuaram relegados às margens da sociedade brasileira, presos a relações informais de trabalho e a condições precárias de vida, perpetuando assim um ciclo de exclusão e desigualdade”.

Essa marginalização histórica está diretamente relacionada à forma como os espaços públicos são tratados e percebidos atualmente. Locais frequentados majoritariamente por pessoas negras ou socialmente vulnerabilizadas costumam ser alvos de abandono, negligência ou repressão, reforçando a exclusão simbólica. Como destaca Lília Schwarcz (1993, p. 25), “o racismo à brasileira não se traduz necessariamente por uma segregação formal, mas por uma exclusão silenciosa e cotidiana”. Jessé Souza (2017, p. 40) reforça essa perspectiva ao afirmar que “a população negra e pobre é tratada como um grupo inferior, como se fosse naturalmente menos merecedora de direitos, atenção e cuidados públicos”, e que “a lógica da exclusão no Brasil é fortemente racializada: os espaços ocupados por negros e pobres são sistematicamente desvalorizados e abandonados”. A falta de políticas públicas para a valorização de espaços como a Praça Carlos Gomes exemplifica essa lógica de invisibilização.

Figura 1 - Imagem de celebração 50 anos Paróquia São Benedito



Fonte: acervo igreja

Como resposta à exclusão das pessoas pretas em espaços sociais e religiosos da população branca, foram criados espaços segregados. Em Botucatu, um exemplo é a antiga Igreja de Nossa Senhora do Rosário, construída com o propósito de ser frequentada pelos negros, localizada na época, fora do eixo comercial da cidade, substituída pela Paróquia São Benedito, que homenageia o santo considerado padroeiro da população negra no Brasil. São Benedito, filho de africanos escravizados, tornou-se símbolo de resistência e fé para os negros, sendo reverenciado por sua trajetória de superação.

Figura 2 – Placa comemorativa 50 anos da Paróquia São Benedito



Fonte: Própria autora, 2025.

A placa comemorativa (figura 2) da Paróquia São Benedito, localizada na Praça Carlos Gomes, apresenta uma narrativa simbólica que remete à tradição das irmandades negras no Brasil, mencionando a fundação de uma capela “à meia encosta do morro, na densa mata”, dedicada à Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. Embora esse trecho possua forte valor representativo, é possível que não se refira literalmente à topografia de Botucatu, mas sim à trajetória comum dessas irmandades em diversas regiões, que frequentemente construíam seus templos em áreas periféricas como forma de resistência à exclusão social e religiosa. Como analisa Antônia Quintão (2004), as irmandades negras atuavam não apenas como espaços de fé, mas também como formas de organização comunitária, solidariedade e afirmação identitária diante da marginalização pós-escravidão. No caso de Botucatu, a placa registra que, em 13 de maio de 1924, foi demolida a capela de Nossa Senhora do Rosário e, em seu lugar, construída a primeira capela de São Benedito, evidenciando a continuidade e adaptação das tradições religiosas negras na cidade. A permanência da Paróquia São Benedito como marco urbano na Praça Carlos Gomes reforça, portanto, a memória da presença negra local, articulando elementos simbólicos, religiosos e urbanos em um território de resistência e identidade.

O atual pároco da Paróquia São Benedito, compartilhou dados históricos relevantes: no local, anteriormente, estava situada a Igreja do Rosário, que foi posteriormente substituída pela atual Paróquia de São Benedito. Para financiar a construção da nova igreja, foram realizadas campanhas e eventos, entre eles rifas de automóveis da época. Um exemplo foi o sorteio de um Volkswagen 66, conforme registrado nas fotografias históricas abaixo:

Figura 3 — Sorteio em benefício da Nova Matriz de São BeneditoF



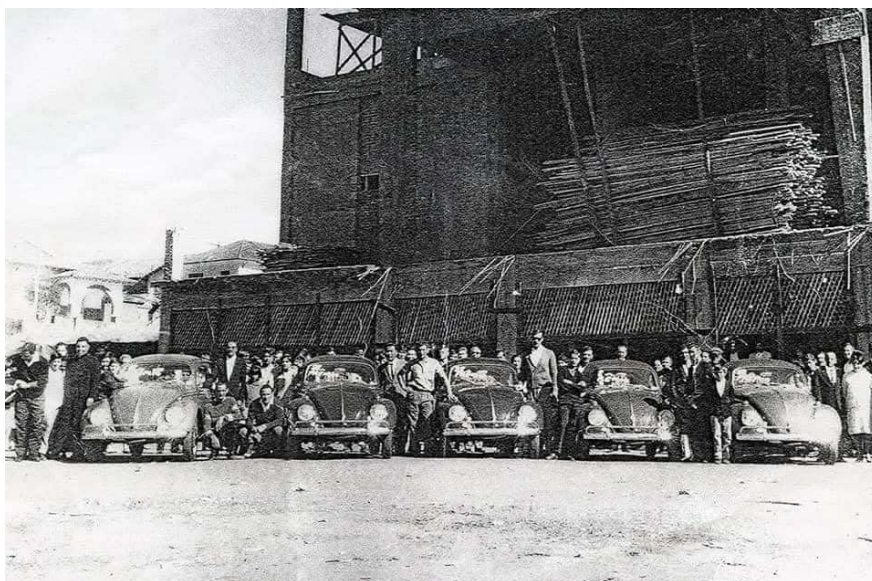
Fonte: Foto - Tato Gaticati, acervo igreja.

Figura 4 – Sorteio em benefício da São Benedito



Fonte: acervo igreja

Figura 5 – Doações para sorteios em benefício da São Benedito



Fonte: acervo igreja

Figura 6 – Construção da Paróquia São Benedito



Fonte: acervo igreja

O entorno da Paróquia São Benedito, antes conhecido como Largo do Rosário, hoje se tornou a Praça Carlos Gomes, um espaço de uso cotidiano na cidade. Embora leve o nome de um compositor brasileiro, sua função prática hoje é ser um ponto de integração do transporte coletivo urbano, conectando diferentes regiões da cidade. A praça abriga, além da igreja, trailers de alimentação, bancos e vegetação abundante, mas são poucas as atividades de permanência comunitária no local, limitando-se às celebrações religiosas. Mesmo

sendo altamente frequentado em horários de pico, o espaço carece de ações que valorizem sua importância histórica e incentivem sua apropriação cultural pela população local.

3.4. Requalificação de Espaços Públicos

3.4.1. Requalificação Urbana: Conceitos e Práticas

A requalificação urbana é um processo que busca recuperar e adaptar os espaços públicos já existentes com base nas necessidades atuais dos usuários. Ela tem como objetivo principal trazer de volta a qualidade de permanência da população nesses espaços e manter a continuidade da vida urbana, especialmente em locais que estão degradados ou inutilizados. Quando a proposta se aplica a espaços que perderam sua função original ou importância, a intervenção pode ser compreendida também como uma revitalização (RONIK, 2015)

De acordo com Villaça (2001), as cidades expressam disputas por acesso e direitos, e o espaço urbano não é neutro, por isso, a requalificação deve ser pensada como uma forma de promover justiça social, não apenas melhorias estéticas. A requalificação busca aprimorar o local por meio da arquitetura, reforçando seu uso, restaurando sua importância simbólica e comunitária, tornando-o acessível, seguro e conectado ao seu contexto histórico.

Os espaços públicos sempre tiveram a função de manter a vida coletiva nas cidades. Eles são capazes de interferir diretamente na qualidade de vida física, emocional e mental da população. Como afirma Jan Gehl (2010), o modo como projetamos e cuidamos dos espaços públicos define como vivemos em comunidade. Quando requalificados de maneira inclusiva, esses lugares podem sustentar pilares sociais importantes, como a inclusão, criando ambientes acessíveis e acolhedores para todos, independentemente de sua origem, idade, gênero, raça ou condição econômica.

Esse processo se mostra essencial para transformar o modo como os espaços públicos se relacionam com a cidade e com as pessoas. Quando bem conduzida, a requalificação urbana contribui para tornar os lugares mais seguros, vivos e funcionais, ao mesmo tempo em que resgata vínculos afetivos e simbólicos da população com a cidade. O simples ato de recuperar um espaço degradado ou negligenciado pode estimular novas formas de convivência, ampliar o sentimento de pertencimento e ainda fomentar o cuidado coletivo com o ambiente urbano.

A requalificação urbana é uma estratégia importante para tornar as cidades mais inclusivas e equilibradas, promovendo melhorias tanto no espaço físico quanto nas dinâmicas sociais (ROBERTS & SYKES, 2000; MADANIPUOR, 2010). Seus principais benefícios incluem:

- **Participação comunitária:** Ao envolver os moradores nas decisões sobre as transformações do espaço, fortalece-se o senso de pertencimento e a responsabilidade coletiva (MADANIPUOR, 2010).
- **Redução das desigualdades:** Intervenções em áreas degradadas podem atrair investimentos e serviços, promovendo a valorização de territórios antes negligenciados (IMRIE & RACO, 2003).
- **Promoção da segurança:** Espaços públicos bem planejados, com iluminação adequada, áreas de lazer e presença constante de pessoas, contribuem para a diminuição da criminalidade e aumento da sensação de segurança (JACOBS, 2000).
- **Fortalecimento dos vínculos sociais:** Ambientes públicos de qualidade favorecem a interação entre diferentes grupos sociais e estimulam a convivência comunitária (GEHL, 2013).

3.5. Urbanismo Feminino: Perspectivas de Gênero nos Espaços Públicos

3.5.1. O Urbanismo Feminino e Suas Contribuições

O urbanismo feminino surge como resposta a um longo processo de crítica e resistência à invisibilidade das mulheres nos espaços urbanos e nas decisões de planejamento das cidades, emergindo do questionamento sobre como as cidades foram planejadas quase exclusivamente a partir da ótica do patriarcado (CALIÓ, 1992; MUXÍ, 2009). A partir das décadas de 1960 e 1970, em países como Estados Unidos, Canadá e especialmente a Espanha, arquitetas, urbanistas e ativistas começaram a denunciar como os espaços urbanos foram historicamente pensados segundo uma lógica masculina e excludente, ignorando as experiências, os tempos e as necessidades femininas (MCDOWELL, 2000; MADARIAGA, 2004).

Essa crítica se fortalece com urbanistas como Dolores Hayden, que já questionava, nos anos 1980, a estrutura das cidades norte-americanas como espaços que reforçavam a divisão sexual do trabalho e a sobrecarga das mulheres no cuidado e nas tarefas domésticas. Esse debate ganha ainda mais força e prática com os trabalhos do **Col·lectiu Punt 6**, fundado por mulheres em Barcelona no início dos anos 2000. O coletivo propõe repensar a cidade a partir da escuta das mulheres, da valorização do cuidado, da segurança cotidiana, da proximidade dos serviços e do reconhecimento do trabalho doméstico e reprodutivo como parte central da vida urbana (COL·LECTIU PUNT 6, 2019; FEDERICI, 2019).

Mais recentemente, autoras como Leslie Kern, no Canadá, e Blanca Valdivia, na Espanha, consolidaram esse campo com publicações que articulam as teorias feministas com práticas urbanas cotidianas, propondo novas formas de habitar, circular e cuidar do território (KERN, 2021; VALDIVIA, 2020). O urbanismo feminino não busca apenas “incluir mulheres” nas cidades, mas sim questionar profundamente as bases patriarcais da forma como o espaço urbano é concebido. Ele propõe

uma cidade mais justa, afetiva e centrada nas experiências de quem o vive no cotidiano e usando a arquitetura e o urbanismo como ferramentas para promover a justiça espacial (TAVARES, 2015; SILVA, 2009).

O urbanismo feminino, portanto, visa aplicar fundamentos da valorização das pessoas como um todo e na melhor forma de incluí-las nos espaços, com o propósito de os tornar acessíveis e inclusivos com estratégias de planejamento que visem facilitar a mobilidade e a segurança. Essa abordagem rompe com a tradição do urbanismo moderno, predominantemente funcionalista, que historicamente ignorou as necessidades específicas de gênero ao constituir a cidade (KERN, 2021).

Com estes princípios em mente, aumentar a sensação de segurança, especialmente à noite, em locais como praças e pontos de ônibus com uma iluminação adequada através da instalação de postes de luz em pontos estratégicos garantirá que todas as áreas sejam bem iluminadas, reduzindo pontos cegos e aumentando a visibilidade. O design inteligente do espaço também é essencial para permitir visibilidade de várias direções, evitando áreas isoladas e promovendo a vigilância natural — um princípio destacado por urbanistas feministas como Blanca Valdivia (2020), que defende a criação de ambientes seguros e diversos como ferramenta de equidade espacial.

A acessibilidade universal é um princípio fundamental para que pessoas com mobilidade reduzida possam utilizar a praça sem grandes dificuldades, sendo assim, a implementação de rampas, caminhos largos e superfícies niveladas são necessárias. Pontos de ônibus devem ser adaptados para oferecer mais conforto e segurança aos usuários com um abrigo com cobertura, assentos confortáveis e informações claras sobre horários e rotas dos ônibus, facilitando o uso do transporte público.

A criação de áreas de convivência com bancos, mesas e áreas multifuncionais que possam ser utilizadas para diversas atividades, como playgrounds, áreas de exercício e espaços para eventos culturais, são pensados para promover a interação social. Da mesma forma, a construção de banheiros públicos limpos e seguros, com atenção especial às necessidades das mulheres, incluindo fraldários e cabines adequadas, garantirá a higiene e o conforto dos usuários, incentivando a permanência.

A programação cultural nos espaços de uso coletivo deve ser incentivada, como a promoção de eventos e atividades que celebrem a diversidade cultural e incentivem a participação de todos os grupos da comunidade, como feiras, apresentações artísticas e aulas ao ar livre. Placas informativas serão colocadas para destacar a história e a importância cultural da praça e da Paróquia São Benedito, ressaltando a contribuição da comunidade afrodescendente. Essas placas servem como ferramentas educativas para os visitantes.

Essa negligência é também consequência de um modelo de urbanização que, como afirma Benevolo (1999), historicamente concentrou poder e decisões nas mãos de uma elite masculina e branca, alheia às demandas de populações marginalizadas. A relação entre mulheres negras e espaços públicos é marcada por desafios significativos provenientes do legado histórico de planejamento dos espaços

públicos que foram criados sem considerar os interesses e necessidades das mulheres. O problema se intensifica porque há a interseção dos preconceitos de raça e gênero.

Situações que expõem mulheres pretas a contextos de vulnerabilidade social e urbana comprometem o direito dessas mulheres à cidade, restringindo sua mobilidade e participação plena na vida urbana.

Dentre os desafios, podemos citar: a falta de segurança, pois ambientes inseguros limitam a mobilidade e participação; a escassez de serviços públicos como transporte, saúde e educação, que afeta desproporcionalmente as mulheres negras, frequentemente localizadas em áreas periféricas; e a falta de representatividade de mulheres negras ou pessoas engajadas nesta causa em espaços de poder e de decisão urbana, perpetuando a exclusão e invisibilidade de suas demandas. Kern (2021) reforça que a ausência de representatividade nos processos de planejamento urbano aprofunda o sentimento de não pertencimento, uma barreira à vivência plena da cidade.

A combinação destes tópicos afeta negativamente mais as mulheres negras do que os homens negros por diversos fatores sociais, econômicos e culturais. Alguns destes fatores são: carga de trabalho e responsabilidades excessivas. Como destaca Valdivia (2020), o espaço urbano reflete e reproduz desigualdades de gênero e raça, sendo necessário desconstruir estruturas espaciais opressoras por meio de práticas urbanas emancipadoras.

Em conclusão, é crucial reconhecer a complexidade das experiências das mulheres negras nos espaços urbanos. A superação desses desafios requer uma abordagem multifacetada que promova a equidade e a inclusão. Como aborda o presente projeto, é fundamental fomentar a conscientização social sobre as questões de raça e gênero, promovendo uma cultura de respeito e valorização da diversidade.

4. RESULTADOS

4.1 Análise da Situação Atual da Praça Carlos Gomes

A Praça Carlos Gomes, também conhecida como Praça São Benedito, desempenha atualmente um papel central como ponto de transporte coletivo na cidade de Botucatu, sendo oficialmente designada como Mini-Terminal São Benedito. Diversas linhas de ônibus utilizam esse ponto para interligar regiões periféricas ao centro da cidade, evidenciando a importância funcional da praça para a mobilidade urbana. Algumas das linhas que circulam por esse terminal incluem:

- 101 PARQUE MARAJOARA - JARDIM PARAÍSO
- 103 JARDIM BRASIL - CENTRO
- 109 JARDIM CAMBUÍ - CENTRO
- 114 SANTA ELIZA - CENTRO
- 206 MONTE MOR - SHOPPING
- 108 MARIA LUIZA - CENTRO
- 119 DEMÉTRIA - CENTRO
- 127 DEMÉTRIA - VITORIANA

- 117 PSIQUIÁTRICO - SOROCABANO
- 202 COHAB - VILA MARIA
- 218 RECANTO AZUL – CENTRO

Figura 7 – Ponto de ônibus em funcionamento (12:20h)



Fonte: autora, 2025.

Contudo, o estado de conservação da praça é precário. O piso, composto por contrapiso de cimento e pedras decorativas, apresenta diversos pontos de degradação: rachaduras, desníveis, vegetação espontânea infiltrando-se entre as pedras e afundamentos causados pelo tempo e pela circulação intensa. O mobiliário urbano, formado principalmente por bancos de concreto, encontra-se desgastado, mal conservado e função ergonômica.

O ponto de ônibus, constituído por estrutura metálica, sofreu danos significativos após a queda de uma árvore durante um episódio de fortes chuvas na cidade, comprometendo sua segurança e funcionalidade. Além disso, a praça abriga três trailers de alimentação e algumas mesas associadas a esses pontos de comércio, cuja presença reforça a intensa apropriação social do espaço, mas também agrava os desafios de manutenção.

A Igreja São Benedito, localizada no ponto central da praça e parte integrante deste conjunto urbano, também se encontra em estado de conservação deficiente, com incidências de pichações e sinais de vandalismo.

Figura 8 – Lado esquerdo vandalizado com pichações



Fonte: autora, 2025

Destaca-se ainda a presença de vegetação densa, composta por árvores altas e antigas. Embora esse elemento conferia qualidade ambiental e sombra, a falta de manejo adequado compromete a segurança dos frequentadores, uma vez que a baixa visibilidade resultante pode favorecer situações de risco, como aponta Kern (2021) ao relacionar a falta de visibilidade nos espaços públicos com o aumento da sensação de insegurança, especialmente para grupos vulneráveis.

Diante deste cenário, foi elaborada a seguinte Ficha Técnica de Avaliação da Praça, com o intuito de sistematizar as observações realizadas e fortalecer a análise crítica do espaço:

Ficha de Avaliação Técnica — Praça Carlos Gomes

Data da vistoria: 13 / 02/ 2025

Horário: 15:30

Elemento Avaliado	Estado	Descrição/Observações
Piso	() Ótimo () Bom () Regular (✓) Ruim () Péssimo	Rachaduras, afundamentos, presença de vegetação entre pedras.
Mobiliário (bancos)	() Ótimo () Bom () Regular (✓) Ruim () Péssimo	Bancos de concreto com desgaste e falta de manutenção.
Ponto de ônibus	() Ótimo () Bom () Regular () Ruim (✓) Péssimo	Estrutura metálica danificada por queda de árvore.
Vegetação	() Adequada (✓) Densa e sem manejo	Árvores altas, risco devido à falta de poda, baixa visibilidade.
Iluminação	(✓) Insuficiente () Adequada	Áreas escuras, potencial risco à segurança.
Acessibilidade	() Adequada (✓) Inadequada	Desníveis, piso irregular, dificuldade para cadeirantes.
Sinalização	() Presente e legível (✓) Ausente ou ilegível	Falta de sinalização adequada.
Uso do espaço	(✓) Intensivo () Moderado () Baixo	Ponto de ônibus movimentado e trailers de alimentação.
Estado geral	() Ótimo () Bom (✓) Regular () Ruim () Péssimo	Necessita intervenção de requalificação.

Nota metodológica

A elaboração desta Ficha Técnica de Avaliação baseia-se na sistematização de critérios observáveis in loco, como estado físico dos materiais, segurança, acessibilidade e funcionalidade do espaço. Esse instrumento metodológico é amplamente utilizado em diagnósticos urbanísticos (CARMONA, 2012) para orientar propostas de intervenção e embasar decisões projetuais com base em evidências concretas.

No contexto desta monografia, o uso da ficha visa atribuir objetividade à análise, reforçando a necessidade de requalificação da Praça Carlos Gomes e justificando a elaboração de um projeto arquitetônico que promova sua valorização e potencialize seu papel como espaço de memória e pertencimento da comunidade negra local.

4.1.2 Classificação da relação físico – simbólica da Praça Carlos Gomes: Topofilia e Topofobia.

Conforme Tuan (1980), as experiências afetivas com o espaço moldam diretamente a forma como os indivíduos se relacionam com o ambiente, sendo a topofilia entendida como uma ligação emocional positiva, enquanto a topofobia expressa o medo ou rejeição em relação a determinados lugares.

Na análise da Praça Carlos Gomes, foi possível identificar diferentes áreas caracterizadas por sensações de acolhimento e pertencimento, conhecidas como topofílicas e, por outro lado, zonas de rejeição ou desconforto denominadas topofóbicas, conceitos abordados por Yi-Fu Tuan, 1980.

As áreas topofílicas se concentram principalmente nos locais de maior circulação e permanência, como os pontos de alimentação, os bancos dispostos sob a sombra das árvores, e o entorno da Paróquia São Benedito, onde há um fluxo constante de pessoas em atividades cotidianas ou religiosas. Esses espaços favorecem a interação social e reforçam o vínculo afetivo dos frequentadores com a praça, consolidando-se como pontos de referência na dinâmica urbana local.

Mapa de áreas topofílicas e topofóbicas da Praça Carlos Gomes



Fonte: autora, 2025

Em contrapartida, as áreas topofóbicas da praça são marcadas pela degradação do espaço físico e pela sensação de insegurança. Locais com vegetação densa e pouca iluminação dificultam a visibilidade e geram apreensão, especialmente em horários de menor movimento. Além disso, pontos onde o mobiliário está deteriorado ou o piso apresenta falhas e rachaduras, como nas partes mais afastadas do terminal, também são percebidos como menos acolhedores pelos usuários.

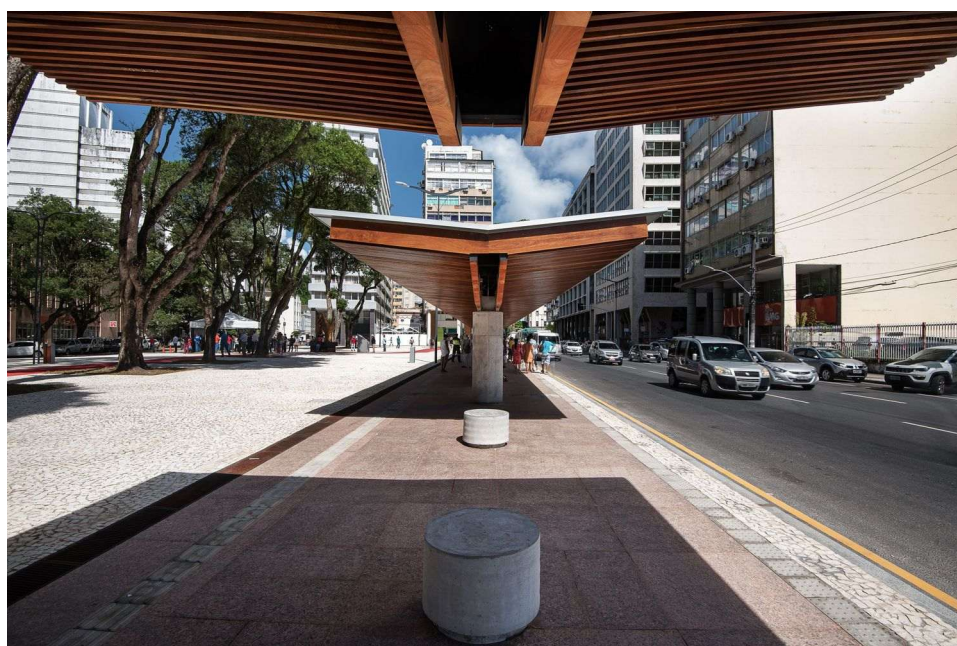
De acordo com Antunes (2021), a leitura espacial baseada na identificação de áreas topofílicas e topofóbicas é fundamental para orientar propostas de intervenção e qualificação urbana, permitindo que o projeto valorize os aspectos positivos do espaço e mitigue os fatores que comprometem sua apropriação plena pela população.

Assim, compreender essa dinâmica na Praça Carlos Gomes é essencial para fundamentar o projeto de requalificação, potencializando os espaços de encontro e lazer, enquanto se propõem soluções para minimizar as fragilidades identificadas.

4.1.3 Paralelos e Lições para a Praça Carlos Gomes

O projeto de requalificação da Praça Carlos Gomes, em Botucatu, traz como referência a análise de três estudos de caso significativos: a Requalificação Urbana da Praça Marechal Deodoro (Salvador – BA), o Parque Madureira (Rio de Janeiro – RJ) e o Museu Afro Brasil (São Paulo – SP).

Figura 9 – Requalificação da Praça Marechal Deodoro, Salvador – BA



Fonte: Archidaily

A Praça Marechal Deodoro, requalificada pelo escritório Sotero Arquitetos, destaca-se por estar situada em uma área com intenso fluxo rodoviário. Essa característica é compartilhada com a Praça Carlos Gomes, que abriga o chamado “Mini Terminal São Benedito”. Nesse sentido, a revitalização do ponto de ônibus e a reorganização da mobilidade urbana em Salvador podem servir como referência prática para qualificar o acesso e a segurança dos usuários do transporte público em Botucatu.

Figura 10 – Parque Madureira - RJ



Fonte: Archidaily

O Parque Madureira, por sua vez, exemplifica a aplicação dos princípios do urbanismo feminino. Projetado por Ruy Rezende Arquitetos, o parque foi concebido como um espaço acessível, seguro e pensado para todas as faixas etárias e perfis sociais. A sensibilidade do projeto, com iluminação adequada, áreas de descanso e infraestrutura de apoio ao bem-estar coletivo, está em consonância com os estudos de Kern (2021), que afirmam que o planejamento urbano deve considerar as vivências das mulheres para promover equidade territorial.

Tais elementos podem e devem ser replicados no contexto da Praça Carlos Gomes, onde há uma demanda específica por ambientes que acolham mulheres, especialmente as mulheres negras, com conforto e dignidade.

Figura 11 - Museu Afro Brasil, São Paulo – SP



Fonte: museuafrobrasil.org.br

Conforme Silva (2021), os espaços públicos têm o poder de narrar histórias, reparar apagamentos históricos e fortalecer identidades. Nesse sentido, outro exemplo relevante é o Museu Afro Brasil, idealizado por Oscar Niemeyer e situado no Parque Ibirapuera. Com um acervo superior a oito mil peças, o espaço valoriza a cultura afrodescendente e a resistência histórica da população negra no Brasil. A valorização simbólica da cultura afro-brasileira neste museu pode ser incorporada ao projeto da Praça Carlos Gomes por meio de murais, mobiliários temáticos e espaços de memória que reflitam a trajetória da Paróquia São Benedito e da comunidade negra local. Como afirma Munanga (2006), reconhecer e valorizar a herança africana é essencial para a superação do racismo estrutural.

Dessa forma, a requalificação da Praça Carlos Gomes deve transcender a simples renovação estética. Inspirando-se em boas práticas urbanísticas e de valorização cultural, o espaço pode se consolidar como um território de pertencimento, resistência e justiça social.

4.2. ANÁLISE DO PÚBLICO E USO ATUAL

4.2.1. Principais horários e fluxos de uso

De acordo com observações realizadas *in loco* e com informações fornecidas pelo pároco da Paróquia São Benedito e através de conversas informais pode-se ouvir e observar de forma realista e prática como a Praça Carlos Gomes age dentro da cidade de Botucatu:

A permanência na praça é limitada pela falta de conforto e segurança, conforme mencionado pelo padre em conversa realizada em 13/02/2025. Ele ressaltou a necessidade de repensar no espaço da praça, sobretudo para incentivar o uso qualificado do espaço por parte da comunidade. Durante a conversa, relatou ainda que as árvores presentes na praça estão muito velhas, o que representa um risco constante: em toda chuva intensa, alguma árvore cai, como aconteceu recentemente no ponto de ônibus próximo. Além disso, apontou a falta de lixeiras como um fator que compromete a limpeza e o bem-estar dos frequentadores. Um aspecto importante destacado foi o fato de que o terreno pertence à Paróquia São Benedito, de modo que todas as decisões sobre intervenções e usos precisam ser tomadas em conjunto com a Prefeitura Municipal. Recentemente, o pároco reforçou publicamente esse pedido de revitalização, destacando, sobretudo, a necessidade de obras de acessibilidade, que são fundamentais para garantir a inclusão de todos os frequentadores (Botucatu Online, 2024).

De acordo com observações realizadas em diferentes horários e dias úteis, a Praça Carlos Gomes apresenta fluxo significativo de pessoas, com destaque para os seguintes períodos:

- **Manhã (entre 7h e 9h):** circulação intensa de trabalhadores que utilizam o Mini-Terminal São Benedito como ponto de passagem para o centro da cidade, além de tutores com cães em passeio matinal;
- **Período do almoço (entre 11h30 e 13h):** aumento da permanência de pessoas, especialmente trabalhadores que utilizam o espaço para descanso ou refeição e passagem de estudantes devido as saídas das escolas do entorno. Casos de indivíduos com marmitas foram observados em áreas mais protegidas e com visibilidade, como o banco lateral direito da praça, preferido por oferecer certo grau de privacidade e vigilância informal.
- **Final da tarde (entre 17h e 19h):** circulação de estudantes e trabalhadores em retorno às suas residências, bem como movimentação nos pontos de ônibus e trailers de alimentação.

Nos finais de semana, especialmente aos domingos, o fluxo de usuários se intensifica em razão das celebrações religiosas realizadas na Igreja São Benedito, o que atrai famílias e frequentadores habituais.

4.2.2. Perfil dos Usuários e Condições de Permanência

Figura 12 – Imagem aérea



Fonte: Google Earth, 2025

Durante as visitas de campo e conversas informais, foi possível identificar diferentes perfis de usuários, bem como aspectos que afetam a permanência no espaço urbano:

- **Trabalhadores informais e prestadores de serviço:**
Um trabalhador atuando em reforma na residência paroquial relatou que evita compartilhar bancos com mulheres sozinhas por receio de gerar desconforto, dado o desenho dos assentos compartilhados. Mencionou também que a parte posterior da praça apresenta baixa movimentação à noite, sendo ocupada por grupos que utilizam o espaço para práticas ilícitas. Observou ainda que o uso da praça varia conforme o horário: pela manhã, tutores passeiam com seus cães; ao meio-dia, há uso para descanso e refeições rápidas.
- **Trabalhadores do comércio e serviços locais:**
Uma funcionária de escola próxima relatou utilizar a praça diariamente no intervalo do almoço para descanso. Segundo ela, o desconforto gerado pela presença de formigueiros, insetos e a falta de ergonomia dos bancos dificulta a permanência. Foi apontada a ausência de locais agradáveis e protegidos para repouso, além da degradação da vegetação, com árvores antigas que atraem insetos.
- **Comerciantes de alimentação:**
Uma vendedora em um dos trailers de lanche localizados na praça informou que o funcionamento do comércio ocorre das 7h10 às 17h30, com maior movimentação no início da manhã (passagem de trabalhadores), horário de almoço (estudantes e trabalhadores de instituições próximas) e final do dia (deslocamento para suas casas). O público também inclui pessoas em deslocamento para

compras nas ruas comerciais da região central, como a Rua Amando de Barros, ou para o Supermercado Central. Segundo a comerciante, o ponto de ônibus funciona também como espaço de espera para conexões com outras linhas, o que justifica sua alta rotatividade.

4.2.3. Observações Técnicas da Paisagem e Comportamento dos Usuários

Durante as visitas de campo diurnas foi possível observar:

- A presença de usuários realizando refeições com marmitas em bancos laterais, como indicado nos relatos anteriores;
- Mulheres utilizando a parte sombreada posterior da praça para descanso, geralmente curvadas ou apoiadas em suas próprias bolsas devido à ausência de encosto nos bancos e falta de alternativas confortáveis;
- Trânsito frequente de pessoas com sacolas, tanto de supermercados quanto de lojas do centro comercial;
- Presença de estudantes consumindo alimentos;
- Ocupação parcial da praça por veículos, especialmente em áreas laterais e até na parte frontal, usada de forma improvisada como estacionamento;
- Uso recorrente dos degraus e patamares como assentos alternativos;
- Vegetação com sinais de abandono, incluindo mato alto e árvores antigas em condições precárias;
- Tentativas dos usuários de se protegerem do sol concentrando-se atrás do ponto de ônibus, especialmente em dias de alta temperatura.

Durante uma das visitas noturnas que ocorreu, por volta das 22h, foi observada a presença de duas mulheres sentadas no ponto de ônibus iluminado por luz fluorescente interna, aguardando transporte. Um homem também aguardava o ônibus, mas permaneceu afastado, posicionado próximo às escadas, em uma área com menor iluminação. A cena indica não só a busca por segurança, mas também a autoproteção feminina por meio da ocupação coletiva e iluminada do espaço público.

Figuras 13 e 14 – Postes de iluminação (modelo mais recente e o antigo)



Fonte: autora

4.2.4 O Entorno e a Vivência Urbana

- **Localização:** A praça está situada no coração de Botucatu, entre as ruas Dr. Cardoso de Almeida (norte), João Passos (sul), Visconde do Rio Branco (oeste) e Prefeito Tonico de Barros (leste)
- **Contexto urbano:** Região central de uso misto, com forte presença de comércio e equipamentos públicos, além de edificações históricas e serviços institucionais, com presença pontual de moradias.
- **Tipo edificacional:** Construções predominantemente térreas, algumas históricas, seguidas por edifícios verticais periféricos, configurando ocupação densa.
- **Meios de chegada:** O acesso ocorre via transporte público (ônibus), veículo particular ou a pé, pela proximidade com o centro, apesar de, ruas de fluxo intenso de veículos.
- **Acessibilidade:** O local é topograficamente acidentado, ladeiras são características do entorno.
- **Conforto no percurso:** Ruas movimentadas com calçadas sem padronização evidente.
- **Equipamentos próximos:** Presença significativa de escola (em frente), igreja e ponto de ônibus dentro da praça, guarda mirim, centro cultural, mercados e posto de gasolina nas imediações
- **Profundidade do uso:** O entorno é de passagem intensa de veículos e transporte coletivo por causa dos serviços e comércios, com circulação predominantemente diurna.
- **Iluminação:** Postes pontuais dentro da praça e iluminação pública das ruas.

- **Vigilância natural:** Não há becos ou pontos cegos aparentes; exceto uma área mais funda nos fundos da praça, como um desnível natural, que pode criar pontos menos visíveis.
- **Percepção comunitária:** Espaço de tradição e visibilidade na cidade. Apesar de alguns sinais de abandono, a manutenção é periódica, e o local é bem conhecido pela comunidade.
- **Uso comunitário:** Embora Botucatu realize feiras em várias praças, essa em específico abriga atividades com menos frequência.
- **Presença infantil/feminina:** Pouca presença de crianças por falta de equipamentos (somente passagem); mulheres circulam com liberdade durante o dia, mas há necessidade de assegurar continuidade desse acolhimento à noite.
- **Cuidado x abandono:** Apesar de sinais de desgaste, há importância histórica e simbólica que garantem manutenção regular.

Mapa e legenda entorno da Praça Carlos Gomes – Espaços institucionais, culturais e relevância



Fonte: autora

4.2.5. Composição paisagística: Proposta de requalificação vegetal

A vegetação atualmente presente na Praça Carlos Gomes revela uma composição marcada pelo uso excessivo de espécies exóticas e pouco adaptadas ao contexto urbano tropical, como *Ligustrum lucidum* (alfeneiro) e *Ficus benjamina* (figueira-chorona), o que gera problemas tanto ecológicos quanto funcionais. Essas espécies são conhecidas por sua baixa contribuição para a biodiversidade local, manutenção complexa, potencial alergênico e raízes invasivas, além de provocarem sombreamento excessivo, o que afeta negativamente a segurança do espaço pela falta de visibilidade (MEDEIROS et al., 2015; SOUZA; RIBEIRO, 2018).

A inserção de exóticas pode levar à homogeneização da paisagem urbana e à redução da fauna associada, já que muitas dessas plantas não oferecem alimento ou abrigo (LORENZI et al., 2003; LEITÃO FILHO, 1982). Além disso, algumas espécies como a *Ficus benjamina* têm histórico de provocar desequilíbrios, como rompimento de calçadas, entupimento de tubulações e propagação desordenada por aves (BRANCAGLION; CAVASSANI, 2016).

Sendo assim, a nova proposta se inspira nos princípios paisagísticos de Roberto Burle Marx, que defendia a utilização de espécies nativas e tropicais não apenas como recurso estético, mas como reafirmação da identidade cultural brasileira (FERNANDES, 2015). Sua abordagem valoriza a diversidade botânica, a funcionalidade dos espaços públicos e o estímulo à experiência sensorial do usuário, princípios que se alinham diretamente com os objetivos desta requalificação.

A nova composição vegetal propõe espécies como *Tabebuia impetiginosa* (ipê-roxo), *Arachis repens* (grama-amendoim), que além de oferecerem resistência e baixa manutenção, também contribuem para a sombreamento controlado, a permeabilidade visual e a criação de microclimas confortáveis. Essas escolhas seguem os princípios do urbanismo sensível e inclusivo que enfatizam a importância do espaço urbano como ambiente de pertencimento.

Dessa forma, a nova proposta paisagística não apenas tem potencial de corrigir os problemas da composição anterior, mas fortalece os pilares do projeto arquitetônico: segurança, valorização cultural e identidade afro-brasileira, promovendo um espaço público mais justo, inclusivo e conectado ao território.

Inspirada na obra de Roberto Burle Marx, a proposta valoriza a diversidade vegetal nativa como expressão cultural e ecológica. O próprio paisagista afirmava que “a flora tropical é uma fonte inesgotável de recursos estéticos e simbólicos, devendo ser entendida como patrimônio nacional” (BURLE MARX, 1994, p. 23). Nesse sentido, o uso de espécies brasileiras não é apenas uma escolha estética, mas um ato de resgate cultural e valorização ambiental.

Figura 15 – Jardim privado de Roberto Burle Marx



Fonte: Pinterest, 2025

Tabela 2 – Vegetação Existentes x Vegetação Proposta

CATEGORIA	VEGETAÇÃO EXISTENTE (Prefeitura)	VEGETAÇÃO PROPOSTA (Atualizada com base em Burle Marx + espécies escolhidas)
Árvores	<i>Ligustrum lucidum</i> (Alfeneiro) – <i>Ficus benjamina</i> (Figueira-chorona) – <i>Tipuana tipu</i> (Tipuana)	<i>Handroanthus impetiginosus</i> (Ipê-roxo) – <i>Schinus terebinthifolius</i> (Aroeira-pimenteira) – <i>Licania tomentosa</i> (Oiti)
Forração	<i>Zoysia japonica</i> (Grama japonesa) – <i>Stenotaphrum secundatum</i> (Grama esmeralda)	<i>Arachis repens</i> (Grama-amendoim) – <i>Tradescantia pallida</i> (Lambri-roxo)
Arbustos	<i>Duranta repens</i> (Pingo-de-ouro) – <i>Nerium oleander</i> (Espirradeira – tóxica)	<i>Murraya paniculata</i> (Murta-de-cheiro) – <i>Tibouchina mutabilis</i> (Manacá-da-serra)
Exóticas invasoras	<i>Leucaena leucocephala</i> – <i>Ficus</i> invasiva	Não incluídas (substituídas por espécies nativas ou controladas)
Toxicidade	Média a alta (espirradeira é tóxica, <i>Ficus</i> causa alergia)	Baixíssima ou nula (adequada para uso público e convivência infantil)

CATEGORIA	VEGETAÇÃO EXISTENTE (Prefeitura)	VEGETAÇÃO PROPOSTA (Atualizada com base em Burle Marx + espécies escolhidas)
Atratividade	Visual homogêneo, baixa diversidade. Árvores muito podadas, bloqueando vistas e ventilação	Variedade de formas, cores e texturas. Melhora da permeabilidade visual e conforto térmico
Manutenção	Média a alta (grama tradicional exige corte constante; árvores de grande porte mal posicionadas)	Baixa manutenção (forrações tropicais, árvores nativas adaptadas)
Pertencimento	Paisagismo genérico, pouco alinhado à cultura local ou tropicalidade brasileira	Vegetação com identidade nacional, inspirada na arte de Burle Marx e na flora brasileira

Fonte: autora

4.2.6. Considerações para o projeto

A análise do público de uso atual evidencia a relevância da Praça Carlos Gomes enquanto espaço de circulação, permanência e expressão cultural da comunidade local. O diagnóstico reforça a necessidade de uma proposta de requalificação que:

1. Respeite e potencialize os usos religiosos e comunitários.
2. Reorganize os fluxos para maior conforto e segurança dos usuários.
3. Melhore a infraestrutura para permanência qualificada, especialmente nos pontos de encontro, descanso e alimentação.
4. Elementos paisagísticos/vegetação coerentes com a necessidade de segurança e uso do local.

Como destaca Gehl (2010), “praças que acolhem e oferecem qualidade nos espaços de permanência tendem a estimular relações sociais mais saudáveis e inclusivas”.

4.3. PROJETO

A proposta de requalificação da Praça Carlos Gomes parte de uma leitura cuidadosa sobre como ela é vivida atualmente e o que ela pode representar no futuro para a cidade e para a memória da população negra de Botucatu. A intenção principal é tornar o espaço mais acessível, organizado e seguro, respeitando os usos que já existem, como a alimentação, os encontros de jovens e a presença religiosa, propondo melhorias que valorizem tanto a vivência quanto a história.

A reformulação dos caminhos, por exemplo, foi pensada com foco na acessibilidade, permitindo que todas as pessoas consigam circular com autonomia e conforto. O novo desenho dos jardins segue a inspiração paisagística de Burle Marx, com um olhar contemporâneo que integra vegetação e áreas de permanência. Além disso, foi essencial pensar nos diferentes usos da praça, criando setores distintos para cada atividade, a fim de garantir que o espaço seja democrático e flexível.

A valorização das raízes negras acontece de maneira simbólica e prática: a proposta inclui a construção de uma capela que homenageia a antiga Paróquia Nossa do Rosário e de um edifício voltado à memória afro-brasileira no espaço posterior da praça, elementos que fortalecem a identidade e o pertencimento da comunidade. Essa ideia encontra base nos estudos de Milena Jasmine Cruz (2023) e Heloisa Oliveira (2022), que reforçam a importância de reconhecer e materializar espaços de resistência negra dentro das cidades.

Outro ponto essencial foi aplicar princípios do urbanismo feminista. Pensar em visibilidade, iluminação adequada e a ideia de que “os olhos da rua” colaboram com a segurança do espaço, como defende Jane Jacobs (2011), foi determinante. Obras como as de Leslie Kern (2021) e Blanca Valdivia (2020) também ajudaram a consolidar esse olhar atento para o urbanismo feminino na cidade. A proposta, portanto, busca garantir que mulheres, crianças, pessoas idosas e todas as identidades diversas possam usufruir da praça de maneira segura e acolhedora.

Por fim, a renovação do ponto de ônibus que existe na praça também foi incluída como parte fundamental do projeto, já que esse é um espaço de espera, circulação e acesso ao transporte público. A ideia é oferecer mais conforto, abrigo e segurança para quem utiliza diariamente esse serviço, reconhecendo sua importância na dinâmica urbana e social do local.

Dessa forma, apresenta-se um **quadro que relaciona a classificação e elemento**, evidenciando as melhorias que serão propostas pela requalificação:

Tabela 3 – Mobiliários Urbanos

Categoria	Elementos	Norma / Referência Técnica
Conforto e Permanência	- Bancos (descanso e convívio) - Mesas públicas	NBR 16537:2016 – <i>Mobiliário urbano – Requisitos e recomendações</i>

Categoria	Elementos	Norma / Referência Técnica
Visibilidade e Segurança	- Postes de iluminação pública - Vegetação com planejamento paisagístico (inspiração em Burle Marx) para garantir visibilidade e segurança na permanência	NBR 5101 – <i>Iluminação pública – Procedimento</i>
Transporte e Mobilidade	- Reformulação do ponto de ônibus - Placa de informação sobre transporte (horários)	NBR 16537:2016 + NBR 9050:2020 – <i>Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos</i>
Informação e Comunicação	- Placas de sinalização turística e de rua - Pontos de exposição cultural (pavilhão de exposições) - Telefone S.O.S	NBR 9050:2020 + Manuais de sinalização urbana municipal
Apoio Funcional	- Lixeiras - Bebedouros públicos	NBR 16537:2016 – <i>Mobiliário urbano – Requisitos e recomendações</i>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho reafirma a importância de compreender os espaços públicos como reflexos das dinâmicas sociais e culturais de uma cidade, destacando o impacto do racismo estrutural e da segregação socioespacial na conformação desses lugares. A Praça Carlos Gomes, enquanto marco histórico e cultural da comunidade afrodescendente de Botucatu, é um exemplo emblemático de como a memória e a representatividade podem ser negligenciadas em um planejamento urbano que desconsidera as especificidades de grupos historicamente marginalizados.

A requalificação da praça representa mais do que uma revitalização física; é uma oportunidade para resgatar e valorizar o legado afro-brasileiro, promovendo um espaço público que celebre a diversidade e fortaleça o senso de pertencimento. Por meio do urbanismo feminino e de abordagens inclusivas, é possível atender às

demandas específicas de segurança, acessibilidade e convivência, especialmente para as mulheres pretas, que enfrentam desafios únicos nos espaços urbanos.

Além disso, ao alinhar a requalificação da Praça Carlos Gomes com práticas de urbanismo contemporâneas, como a inclusão de elementos que valorizem a cultura afrodescendente e melhorias na infraestrutura, o projeto demonstra como o planejamento urbano pode ser uma ferramenta para a justiça social. A integração de referências históricas, culturais e comunitárias na requalificação do espaço não apenas homenageia o passado, mas também aponta para um futuro mais inclusivo e equitativo.

Por fim, este estudo evidencia que a valorização da memória afro-brasileira e a promoção de cidades mais justas e acessíveis devem ser prioridades no debate sobre o desenvolvimento urbano. A transformação da Praça Carlos Gomes em um espaço acolhedor, seguro e representativo é um passo significativo na direção de uma cidade que respeita e celebra sua história enquanto constrói um presente mais inclusivo para todos os seus habitantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Beatriz Leite. *A agroindústria cafeeira de Botucatu - SP: análise heurística da Fazenda Serra Negra*. 2022. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Bauru, 2022.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 5101:2012 – Iluminação pública – Procedimento*. Rio de Janeiro, 2012.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 9050:2020 – Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos*. Rio de Janeiro, 2020.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 16537:2016 – Mobiliário urbano – Requisitos e recomendações*. Rio de Janeiro, 2016.

BRANCAGLION, Sônia; CAVASSANI, Andréia T. Espécies exóticas invasoras em ambientes urbanos: impactos e controle. *Revista da Sociedade Brasileira de Arborização Urbana*, 21(1), 2016.

BURLE MARX, Roberto. *Arte e paisagem: textos escolhidos*. Organização de Marta Iris Monteiro de Carvalho. São Paulo: Editora Studio Nobel, 1994.

CALIÓ, Sônia Alves. Incorporando a questão de gênero nos estudos e no planejamento urbano. [s.l.: s.n.], [s.d.]. Disponível em: <http://www.observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal11/Geografiasocio/Sociopolitica/737.pdf>. Acesso em: 10 out. 2020.

COL·LECTIU PUNT 6. *Urbanismo feminista: por una transformaci3n radical de los espacios de vida*. Barcelona: Virus Editorial, 2019.

CRESTANI VIERO, Verônica; BARBOSA FILHO, Luiz Carlos. Praças públicas: origem, conceitos e funções. In: *Anais do IV Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual*, Goiânia, 2016.

CRUZ, Milena Jasmine Costa. *Centro Cultural Sankofa: um estudo da trajetória cultural africana e seu impacto na arquitetura e urbanismo*. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade Galileu, 2024.

- FEDERICI, Sílvia. *O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista*. São Paulo: Elefante, 2019.
- FISS, Bruna Kisathowski; FRANCISCHETT, Mafalda Nesi. A origem da praça e as transformações funcionais no tempo. *Revista Eletrônica do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFBA*, Salvador, v. 6, n. 2, p. 55-74, 2013.
- GEHL, Jan. *Cidades para pessoas*. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- HOLANDA, Frederico de. O espaço de exceção: a praça no Brasil colonial. *Revista Estudos Avançados*, São Paulo, v. 27, n. 79, p. 35-56, 2013.
- JACOBS, Jane. *Morte e vida de grandes cidades*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- KERN, Leslie. *Cidade feminista: um guia de combate à opressão cotidiana no espaço urbano*. São Paulo: Ubu Editora, 2021.
- LEITÃO FILHO, H. F. *Considerações sobre a vegetação original do município de São Paulo*. São Paulo: Instituto Florestal, 1982.
- LORENZI, H. et al. *Árvores exóticas no Brasil: madeiras, ornamentais e aromáticas*. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2003.
- MADARIAGA, Inés Sánchez. Infraestructuras para la vida cotidiana y calidad de vida. *Ciudades: Revista del Instituto Universitario de Urbanística de la Universidad de Valladolid*, n. 8, 2004. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=1253144>. Acesso em: 10 fev. 2020.
- MCDOWELL, Linda. *Género, identidad y lugar: un estudio de las geografías feministas*. Madrid: Ediciones Cátedra, 2000.
- MEDEIROS, G. et al. Avaliação ecológica de espécies arbóreas em áreas urbanas. *Revista Verde*, v.10, n.3, p.146–153, 2015.
- MUXÍ, Zaida. Reflexões em torno a las mujeres y el derecho a la vivienda desde una realidad con espejismos. In: *El derecho humano a la vivienda*, 2009. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/281698383>. Acesso em: 19 out. 2021.
- OLIVEIRA, Heloisa. *O espaço na luta antirracista: um centro da cultura negra para Maringá*. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2021.
- PARÓQUIA SÃO BENEDITO. *Jubileu Áureo – 1953/2003: 50 anos de ereção da Paróquia São Benedito*. Placa comemorativa. Botucatu-SP, 2003. Localizada na Igreja de São Benedito, Praça Carlos Gomes.
- QUINTÃO, Antonia Aparecida. *Irmandades negras: outro espaço de luta e resistência (São Paulo: 1870-1890)*. São Paulo: Alameda, 2009.
- SCHWARCZ, Lília Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SILVA, Joseli M. *Geografias subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades*. Ponta Grossa, PR: Toda Palavra, 2009.
- SILVA, Marcos Rodrigues da. *O negro no Brasil – História e Desafios*. São Paulo: Atual Editora, 1987.

SOUZA, Jessé. *A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato*. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

SOUZA, M. C.; RIBEIRO, S. C. Avaliação da arborização urbana com espécies exóticas: riscos e desafios. *Cadernos de Biodiversidade*, v.8, n.1, 2018.

TAVARES, Rossana Brandão. *Indiferença à diferença: espaços urbanos de resistência na perspectiva das desigualdades de gênero*. 2015. 231 f. Tese (Doutorado em Urbanismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

TEIXEIRA, Marina da Silva. *O processo de degradação e revitalização dos espaços públicos: uso e apropriações das praças no centro histórico de João Pessoa - PB*. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2022.

VALDIVIA, Blanca. *Urbanismo feminista: por uma transformação radical dos espaços de vida*. Barcelona: Dpr-barcelona, 2020.

VILLAÇA, Flávio. *Espaço intra-urbano no Brasil*. São Paulo: Studio Nobel, 2001.

ANEXOS

APÊNDICE A

Pesquisa para participação social sobre a requalificação da praça Carlos Gomes

Perguntas Gerais

1. Com que frequência você visita a Praça Carlos Gomes?

- ☐ Diariamente
- ☐ Semanalmente
- ☐ Mensalmente
- ☐ Raramente
- ☐ Nunca

2. Quais atividades você costuma realizar na praça?

- ☐ Caminhada
- ☐ Exercícios físicos
- ☐ Lazer com crianças
- ☐ Encontros sociais
- ☐ Uso do ponto de ônibus
- ☐ Outros (especificar)

3. Em qual horário você costuma frequentar a Praça?

- ☐ resposta aberta

Segurança e Acessibilidade

3. Você se sente seguro(a) na praça durante o dia?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Às vezes

4. Você se sente seguro(a) na praça durante a noite?

- ☐ Sim

- ☐ Não
- ☐ Às vezes

5. Quais áreas da praça você considera mais seguras/inseguras?

- ☐ (Espaço para resposta aberta)

6. A praça é acessível para pessoas com mobilidade reduzida?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Não sei

Infraestrutura e Serviços

7. Como você avalia a iluminação da praça?

- ☐ Excelente
- ☐ Boa
- ☐ Regular
- ☐ Ruim
- ☐ Péssima

8. Você utiliza o ponto de ônibus na praça?

- ☐ Sim
- ☐ Não

9. Como você avalia as condições do ponto de ônibus?

- ☐ Excelente
- ☐ Boa
- ☐ Regular
- ☐ Ruim
- ☐ Péssima

10. Quais melhorias você gostaria de ver no ponto de ônibus?

- ☐ (Espaço para resposta aberta)

Necessidades e Desejos

11. Quais serviços ou instalações você gostaria de ver na praça?

- ☐ Banheiros públicos
- ☐ Bebedouros
- ☐ Mais bancos e áreas de descanso
- ☐ Playground
- ☐ Equipamentos de ginástica
- ☐ Jardins e áreas verdes
- ☐ Outros (especificar)

12. Quais atividades ou eventos você gostaria que fossem realizados na praça?

- ☐ Feiras
- ☐ Eventos culturais
- ☐ Aulas ao ar livre
- ☐ Atividades esportivas
- ☐ Outros (especificar)

Foco nas Mulheres

13. Você sente que a praça atende às necessidades das mulheres?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Em parte

14. Você já se sentiu desconfortável ou insegura na praça? Se sim, por quê?

- ☐ (Espaço para resposta aberta)

Feedback Geral

17. Você tem alguma sugestão ou comentário adicional sobre a praça?

- ☐ (Espaço para resposta aberta)

APÊNDICE B

Figuras 16 – 50 (fonte: autora, 2025)

Figura 16 – Rampa de acesso e faixa de pedestre na calçada frontal



Figura 17 – Patamares de acesso laterais



Figura 18 – Banco de concreto presente na praça



Figura 19 – Interior da Paróquia atualmente

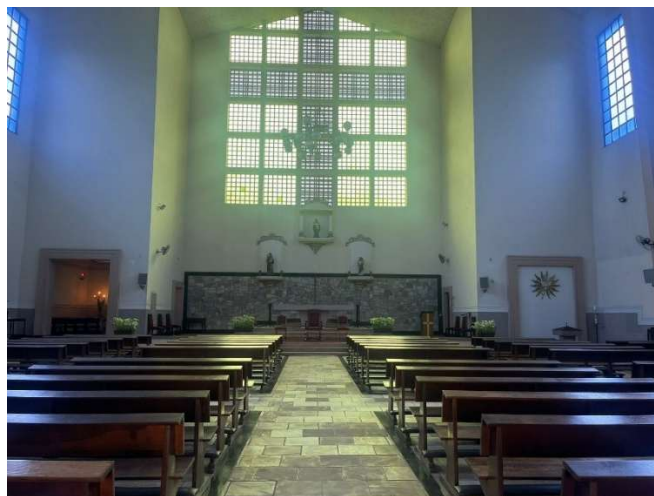


Figura 21 – Árvore cortada



Figura 22 – Árvore podada após queda no ponto

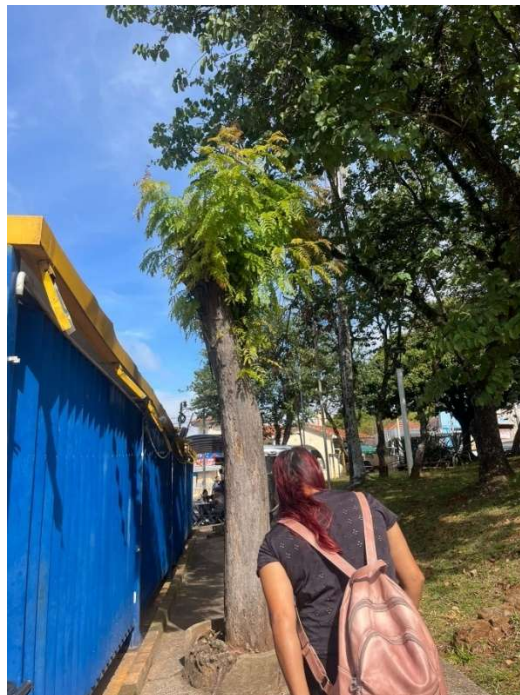


Figura 23 – Árvore antiga



Figura 24 – Pontos de permanência nos trailers de alimentação



Figura 25 – Tipo de lixeira presente na praça



Figura 26 – Iluminação e cobertura do ponto de ônibus



Figura 27 – Ponto de ônibus e usuários aguardando atrás em busca de proteção do sol



Figura 28 – Prédio Via Veneta que fica ao lado da praça



Figura 29 – Poste de iluminação danificado (sem iluminação) nos fundos da praça



Figura 30 – Telefone público sem funcionamento



Figura 31 – Concentração de árvores localizados no lado posterior



Figura 32 – Árvore com raízes pretuberantes



Figura 33 – Brechó beneficente do andar inferior da igreja



Figura 34 – Caminho de pedras com alguns buracos



Figura 35 – Caminho com vegetação crescendo entre as pedras



Figura 36 – Caminho de pedras com manutenção feita em concreto



Figura 37 – Raízes quebrando caminho de pedras

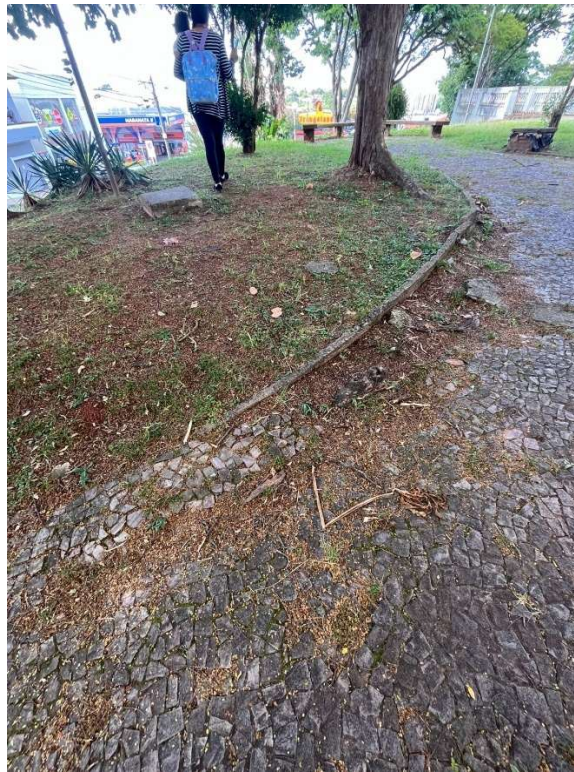


Figura 39 – Residência Paroquial

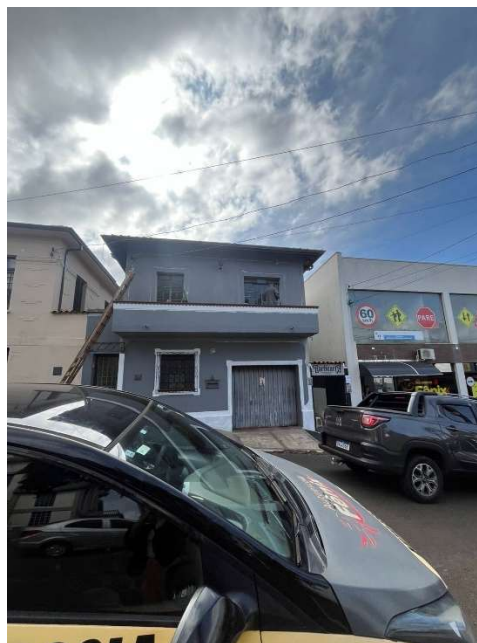


Figura 40 – Vista superior dos trailers de alimentação



Figura 41 – Pontos de permanência nos trailers de alimentação

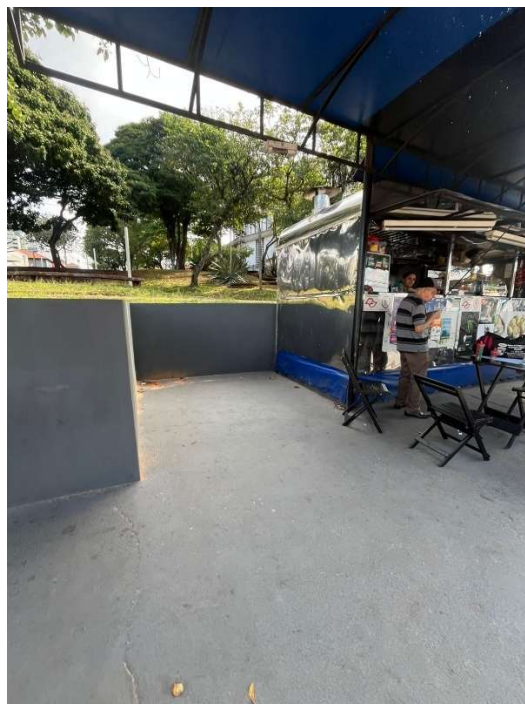


Figura 42 – Estacionamento laterais



Figura 43 – Fachada frontal da paróquia



Figura 44 – Fachada fundos da paróquia



Figura 45 – Tipos de vegetação



Figura 46 – Lateral direita paróquia



Figura 47 – Lateral esquerda paróquia



Figura 48 – Sinalização posição de cadeirante no ponto de ônibus



Figura 49 – Permanência desconfortável na praça



Figura 50 – Fluxo ponto de ônibus

